

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Gabriela Barcellos de Oliveira

O acirramento da pressão estética direcionada às mulheres na contemporaneidade: uma leitura fenomenológico-hermenêutica

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo

Janeiro 2022

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Pós-Graduação em Psicologia Clínica

O acirramento da pressão estética direcionada às mulheres na contemporaneidade: uma leitura fenomenológico-hermenêutica

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica sob a orientação da Profa. Dra. Ida Elizabeth Cardinali.

São Paulo

Janeiro 2022

Banca Examinadora:

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Edson, minha fiel companhia. Pelo apoio incondicional em minha trajetória, e por me ensinar a ver a vida com a coragem e a alegria que ela merece.

À minha mãe, Roberta, por ter sido meu primeiro lar. Por ter me ensinado a força do acolhimento e do aconchego, por ser o porto seguro de todos os meus passos.

À minha irmã, Bruna, por me ensinar sobre o amor. Por se entrelaçar a minha história, e por me permitir viver a sua também.

Ao Daniel, por construir comigo uma vida com tanto sentido e amor. Por sua especial habilidade em me fazer feliz.

À minha orientadora, Ida Cardinalli, pela confiança depositada em meu processo e meu trabalho. Por dar corpo e sustentação às reflexões aqui tecidas.

Ao meu mestre e querido amigo, Marcelo Sodelli. Pelas trocas generosas e por ter apostado, com tanto afeto, em minha trajetória.

À Maíra Clini, por contribuir docemente com este trabalho. Seu olhar forte e cuidadoso foi certamente fundamental para o transcorrer desta dissertação.

À Gabriela Giberti, Janaine Assunção, Olívia Benazzi, Isabela Russo e Sophia Porto, que caminham ao meu lado na árdua tarefa de sustentar a fenomenologia como um fazer potente e sensível. Por me ajudarem a construir a psicóloga que desejo ser.

Às mulheres da minha vida. Sou infinitamente grata ao afeto de Fernanda, ao colo de Letícia, à presença de Natalia, à cumplicidade de Larissa. Grata à alegria de Mariana, à poesia de Laura, à dedicação de Clara, ao carisma de Ligia e à força de Livia. Grata ao acolhimento de Caroline, à delicadeza de Livia, à doçura de Thais e à segurança de Maíra. Grata à entrega de Paula, à autenticidade de Verônica e ao cuidado de Sandra. Vocês me ensinam, diariamente, sobre a plural beleza do ser-mulher. Obrigada!

À Fundação São Paulo, por conceder a bolsa de mestrado, sem a qual esta pesquisa não seria possível.

“Aos meus pacientes, que pagaram para me ensinar.”

(Winnicott, 1971)

RESUMO

OLIVEIRA, Gabriela Barcellos. O acirramento da pressão estética direcionada às mulheres na contemporaneidade: Uma leitura fenomenológico-hermenêutica. 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

A histórica associação entre *beleza e mulher* ganha novos – e intensos - contornos no cenário contemporâneo. Esta é uma constatação tecida por estudos, pesquisas e observações clínicas, que apontam para um aumento vertiginoso no sofrimento experienciado por meninas e mulheres diante de determinadas imposições estéticas. Tendo isto em vista, o presente trabalho teórico se direcionou a explicitar e esclarecer as bases ontológicas que possibilitaram o *acirramento* da pressão estética direcionada às mulheres no mundo contemporâneo. A compreensão deste fenômeno se deu a partir do método fenomenológico-hermenêutico, tal como propõe Martin Heidegger – filósofo que considera o existir humano como ser-aí e ser-no-mundo, e que portanto articula o que se mostra ao seu campo de aparição. Objetivou-se, assim, compreender a atual relação de mulheres com a sua aparência não a partir de uma leitura singularizada de sofrimentos, mas sim a partir do acontecimento histórico que estrutura a época atual: A técnica. O transcorrer da dissertação aponta que, em uma era atravessada pela *técnica* como verdade do *ser*, empreende-se enorme esforço na tentativa de dominação e controle dos fenômenos, havendo pouco espaço para o desvelamento, para o não-saber. O desenraizamento existencial promovido por este espírito mostrou-se terreno fértil para uma adesão desenfreada e violenta aos imperativos mundanos contemporâneos – que vocalizam direcionamentos assertivos sobre modos “corretos” de existir, cobrando a performance e o aperfeiçoamento individual a todo o custo. O presente trabalho considera, afinal, que as imposições estéticas direcionadas a meninas e mulheres, na forma como se apresentam no cenário atual, podem *sim* ser tomadas como mais uma das violências direcionadas a elas.

Palavras Chave: Mulher; Estética; Acirramento; Contemporaneidade; Fenomenologia-Hermenêutica

ABSTRACT

OLIVEIRA, Gabriela Barcellos. The aggravation of the aesthetic pressure directed at women in contemporaneity: A phenomenological-hermeneutic approach. 2022. Dissertation (Masters in Clinic Psychology) – Pontifical Catholic University of São Paulo, São Paulo, 2022.

The historic association between *beauty* and *woman* gains new – and intense – connotations in the contemporary setting. This is a finding woven by studies, research, and clinical observations, which point to a vertiginous increase in the suffering experienced by girls and women in the face of certain aesthetic impositions. With this in mind, the present theoretical work aimed to explain and clarify the ontological bases that made possible the *aggravation* of the aesthetic pressure directed at women in the contemporary world. The understanding of this phenomenon results from the application of the phenomenological-hermeneutic method as proposed by Martin Heidegger - a philosopher who considers existing as a human as being-there and being-in-the-world, therefore articulating what is shown to one's field of apparition. The objective of this dissertation was, thus, to understand the current relationship between women and their appearance not from a singularized reading of sufferings, but from the historical event that structures the current time: the technique. Through the course of this dissertation, it is shown that in an era traversed by *technique* as the truth of *being*, an enormous effort is made in an attempt to dominate and control phenomena, with little room left for unveiling, for not-knowing. The existential uprooting promoted by this spirit proved to be fertile ground for an unbridled and violent adherence to contemporary mundane imperatives – which vocalize assertive directions about “correct” ways of existing, demanding performance and individual improvement at all costs. The present work considers, ultimately, that the aesthetic impositions directed at girls and women, in the way they present themselves in the current scenario, can *indeed* be taken as another form of violence directed at them.

Keywords: Woman; Aesthetics; Aggravation; Contemporaneity; Phenomenology-Hermeneutics.

A vida na hora

A vida na hora.
Cena sem ensaio.
Corpo sem medida.
Cabeça sem reflexão.

Não sei o papel que desempenho.
Só sei que é meu, impermutável.

De que trata a peça
devo adivinhar já em cena.

Despreparada para a honra de viver,
mal posso manter o ritmo que a peça impõe.
Improviso embora me repugne a improvisação.
Tropeço a cada passo no desconhecimento das coisas.
Meu jeito de ser cheira a província.
Meus instintos são amadorismo.
O pavor do palco, me explicando, é tanto mais humilhante.
As circunstâncias atenuantes me parecem cruéis.

Não dá para retirar as palavras e os reflexos,
inacabada a contagem das estrelas,
o caráter como o casaco às pressas abotoado –
eis os efeitos deploráveis desta urgência.

Se eu pudesse ao menos praticar uma quarta-feira antes
ou ao menos repetir uma quinta-feira outra vez!
Mas já se avizinha a sexta com um roteiro que não conheço.
Isso é justo – pergunto
(com a voz rouca
porque nem sequer me foi dado pigarrear nos bastidores).

É ilusório pensar que esta é só uma prova rápida
feita em acomodações provisórias. Não.
De pé em meio à cena vejo como é sólida.
Me impressiona a precisão de cada acessório.
O palco giratório já opera há muito tempo.
Acenderam-se até as mais longínquas nebulosas.
Ah, não tenho dúvida de que é uma estrela.

E o que quer que eu faça,
vai se transformar para sempre naquilo que fiz.

(Wisława Szymborska, 2011)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1 MULHER E BELEZA	17
1.1 Ser-mulher	17
1.2 A beleza feminina na história	20
1.3 Beleza e magreza: uma estreita relação	24
1.4 Demais imperativos da beleza	26
1.5 Beleza feminina e mídia	28
1.6 Beleza nas redes sociais	30
1.7 Beleza fabricada	32
2 O MUNDO CONTEMPORÂNEO	37
2.1 A época moderna e suas transformações	37
2.2 Reflexões sobre o mundo contemporâneo: Chul-Han, Safatle, Junior & Dunker, Ehrenberg e Bauman	40
2.3 Hipertrofia da individualidade	43
3 O PENSAMENTO DE MARTIN HEIDEGGER	45
3.1 <i>Ser e Tempo</i>: alguns destaques	46
3.2 A viragem (Kehre): de ser e tempo para tempo e ser	52

3.3 A Era da Técnica.....	54
3.4 Corpo e corporeidade	57
4 DISCUSSÃO	61
4.1 Fundações	62
4.2 O <i>Dasein</i> mulher na Era da Técnica	64
4.3 O corpo-objeto.....	67
4.4 A Era das Imagens.....	70
4.5 Desenraizamento existencial	72
4.6 O fazer artesanal.....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS	81

INTRODUÇÃO

*A dúvida sempre me salvou.
As pessoas que cismam ter encontrado a verdade me assustam*

(Bartolomeu Campos de Queirós, 2004)

Um texto é construído pelas mãos, mas é alimentado por afetos, compreensões e encantamentos muito anteriores. Ele se desenha, assim, por um misto de experiências e sentimentos, que ganham corpo com a dedicação que um trabalho de mestrado exige.

O interesse pela questão do feminino me acompanha desde a graduação. Momento de desvelamento de horizontes, o curso de Psicologia foi um importante marco para a compreensão das desigualdades experienciadas por mulheres de todo o mundo, em seus mais diversos recortes de raça, classe e outras vulnerabilidades. A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em especial, ofereceu terreno fértil para esta construção. Amplamente reconhecida como uma Universidade que fomenta o pensamento crítico e diverso, ela abrigava, naquela época, inúmeras iniciativas direcionadas à revisão da condição feminina em nossa sociedade. Entre elas, recordo-me com especial carinho das reuniões do coletivo feminista, e dos incontáveis eventos e rodas de debates entre mulheres.

Neste processo, um estágio na Vara de Violência Doméstica sedimentou em mim a relevância da atuação de psicólogos nesta área, e serviu de combustível para o desenvolvimento de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) cuja pergunta segue presente em minhas reflexões: como ainda é possível existir uma sociedade permeada pela violência de gênero?

Apesar de muito presentes em minha jornada, os questionamentos sobre os papéis desempenhados por homens e mulheres não são exclusividade da minha trajetória: esta é uma problemática cada vez mais debatida, inclusive a nível global. A título de ilustração, observa-se a menção sobre a igualdade de gênero e o empoderamento feminino como um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) propostos pela *Agenda 2030*, documento elaborado em 2015 pela Organização das Nações Unidas (ONU) com diretrizes para o desenvolvimento sustentável do planeta.

A visibilidade alcançada por esta questão deve-se, em muito, pelos esforços do movimento feminista, que há décadas luta para que as mulheres possam revisar a própria condição, possibilidade esta que escancara uma realidade permeada por violências não apenas de cunho físico e sexual, mas também de outras naturezas. Penso que esta é uma das grandes contribuições do feminismo: disseminar a compreensão de que violências não se dão somente a partir de socos ou pontapés. Fazendo coro a esta afirmação, temos a própria Psicologia, que há tempos se debruça na tentativa de nomear e legitimar sofrimentos para além dos “autorizados” socialmente.

O privilegiado lugar de psicoterapeuta me permite acompanhar de perto meninas e mulheres em suas trajetórias e singularidades. No entanto, apesar do ineditismo de cada existência, chama atenção a recorrência das demandas relacionadas à beleza. Inúmeras são as pacientes que apresentam sofrimentos diante da ausência de determinados atributos: pele sem poros, cintura fina, nariz arrebitado, seios fartos, corpo magro – a lista parece não ter fim.

Interessante notar que não há um traço comum que una essas mulheres em termos de aparência: gordas, magras, altas, baixas, loiras, morenas, jovens e velhas, todas parecem ser acometidas – em maior ou menor grau, a depender de outras vulnerabilidades – por um padrão específico de beleza. As que ousam contestá-lo são, geralmente, arrebatadas por sensações de insegurança e desamparo. Afinal, deveres como a depilação, o alisamento capilar e o controle da alimentação fazem parte do universo feminino de forma tão naturalizada que nem se apresentam, de início e na maioria das vezes, como algo passível de ser questionado.

A busca pela beleza, neste sentido, parece cobrar um preço muito alto. Para além do óbvio desgaste financeiro, percebe-se o investimento em tantos outros aspectos: tempo, dedicação, sofrimento, todos sabidamente associados à manutenção de uma estética tão fugaz.

Apesar de todas as reflexões advindas da experiência clínica, um dos primeiros *insights* que tive sobre esta questão ocorreu em um breve trabalho institucional realizado com crianças. Em uma atividade de brincar livre, meninas organizavam um faz de conta que envolvia princesas e castelos. Em determinado momento, percebi uma movimentação agitada, seguida de um choro dolorido, angustiado. Ao me aproximar, notei que duas

meninas haviam sido colocadas para viver Drizella e Anastasia, as irmãs postiças de Cinderela. Tal fato desencadeou enorme sofrimento em ambas, que se recusaram a ficar com as personagens “feias”. “Eu não tenho aquele pé grande igual o delas” – dizia uma das meninas, em referência ao atributo que marca a exclusão das irmãs na busca pelo príncipe. Ali, todas gostariam de ser Cinderela. Quando perguntadas sobre o motivo, a resposta foi unânime: “Porque ela é a mais bonita!”

Este episódio, marcante, dá notícias sobre a importância que a estética adquire desde os primórdios da vida de um indivíduo que nasce com a vagina como marcador corporal. Cinderela é tudo aquilo que a sociedade ocidental valoriza em uma mulher: jovem, magra, de pele clara, lábios rosados, cabelo loiro e cintilantes olhos azuis. Com estes atributos, conquista a atenção e o afeto do príncipe, que move mundos e fundos para encontrá-la após dividirem uma – e apenas uma – dança. Vale notar como tudo que ele tem é a aparência de Cinderela, dado que ambos trocam poucas palavras juntos. Na história original, uma das irmãs chega a cortar o próprio pé, em uma tentativa desesperada de se *encaixar*. Nada mais simbólico do que isto. Apesar de o conto datar de 1697, observamos até hoje mulheres em esforços mutiladores para se *encaixarem* nos padrões vigentes – que vejam só, atraem e agradam os olhares masculinos.

Na condição de mulher, também experiencio na pele as dores e contradições que as imposições estéticas trazem. Desde a adolescência notei a explícita valorização de determinados atributos, assim como a cruel exclusão de quem não os possuía. Recordo a época de escola, quando meninas eram ranqueadas a partir de sua aparência. Os tais *rankings* eram expostos em plena sala de aula, na lousa, em um cenário que mais parecia um concurso de beleza do que um espaço para aprendizados diversos – como uma escola se propõe a ser. Sem consentimento, eram julgadas – por professores e colegas homens – a partir de características físicas, e isso lhes conferia um valor. Cruel para as meninas que não apareciam na lista, cruel para as que estavam lá.

Esta experiência deixa uma mensagem, assim como tantas outras vivências com que as mulheres se deparam diariamente: em nosso mundo, a beleza dá lugar – ou, como diria o poema de Vinicius de Moraes – “As muito feias que me perdoem // Mas beleza é fundamental”.

Estudos e observações clínicas demonstram que a associação entre a beleza e o feminino, ainda que histórica, intensifica-se e adquire novos contornos com a velocidade do contexto atual. Não à toa, percebo a força que esta trama possui na vida das mulheres que conheço. Difícil desatar nós tão bem engendrados; mesmo para as que tomam consciência e compreendem os sentidos velados desta questão, desvencilhar-se das obrigações e do valor do “belo” segue como um desafio.

Afinal, existe uma linha difusa entre “faço porque gosto/quero/me divirto” e “faço porque é preciso/necessário”. Uma menina que se maquia diariamente – e se sente bem com isso – está aprisionada? De onde vem este seu desejo? Esta é uma forma de expressão ou um estreitamento?

Confesso que estas perguntas permanecem em aberto. Ainda assim, compreender que as minhas angústias não eram só minhas foi de extrema importância. Claro, particularidades sempre existirão, mas notar o caráter sistêmico desta questão foi fundamental para que questionamentos como os deste trabalho pudessem existir. Afinal, qual a responsabilidade do mundo em nossas possibilidades compreensivas? Não há como deixar de questionar as construções que sustentam e sedimentam o olhar de mulheres sobre os seus deveres e necessidades, em uma sociedade que cria ideais de feminilidade e exerce pressão para a conformidade a eles.

Há de se considerar, ao falarmos sobre mundo, que o cotidiano desta época é marcado por uma aceleração sem precedentes, o que torna difícil a contemplação e o pensar meditativo sobre nossas ações e sentimentos. A pasteurização das experiências, atravessadas pela convocação da quantidade, torna raros os momentos de presença genuína.

Um dos exemplos que marcaram minhas observações sobre este assunto se deu em uma conversa informal com uma amiga querida, recém-chegada de uma viagem à Europa. Dizia, orgulhosa, ter visitado 20 países em 30 dias, divertindo-se por ter “conhecido” três deles em apenas 24 horas – acordando em Paris, visitando Bruxelas na parte da tarde até alcançar Amsterdã ao anoitecer.

Em seu discurso, relatava as peripécias que fizera para conseguir estar em todos esses lugares, dizendo que era preciso “aproveitar a viagem ao máximo”. Mas, afinal, o

que significa “aproveitar”? Para ela – e para tantos outros colegas presentes – aproveitar aquela viagem tinha a ver com a quantidade de países que poderiam ser “riscados da lista”; não foi possível, por exemplo, sentar-se à beira do Sena, ou comer um legítimo prato Holandês – não havia tempo, pois a rígida programação não permitia momentos de improvisação e autenticidade. Pergunto-me se, ao estar em tantos lugares, ela de fato esteve em algum.

Apesar de um exemplo pontual, percebe-se que a lógica de minha amiga não foi por ela inventada. Este pensar faz parte de uma trama de sentidos que permeia muitos espaços de nossa existência, e que influencia o modo como vivemos e legitimamos nossas experiências.

A semente que floresce neste trabalho, portanto, surge a partir da minha necessidade de compreender melhor as convocações e possibilidades deste mundo – especialmente as que tangenciam as vivências de meninas e mulheres.

Tendo isto em vista, este trabalho teórico, à luz da fenomenologia heideggeriana, direciona-se ao desvelamento das bases ontológicas que possibilitaram o *acirramento* da pressão estética direcionada às mulheres no mundo contemporâneo. Em outras palavras, pretende refletir sobre o agravamento dos imperativos do “ser-bela” direcionados ao feminino contemporâneo, debruçando-se sobre as suas tramas e fios diversos.

Busca-se, assim, uma compreensão deste fenômeno a partir do método fenomenológico-hermenêutico. Heidegger nos conta que o método fenomenológico é uma interrogação pelo sentido, pelo ser dos entes. Boss esclarece que um método pode ser chamado de fenomenológico:

[...] quando em seu enfoque ele se detém exclusivamente nos fenômenos a estudar. Assim, tal método visa somente trazer à luz de modo cada vez mais diferenciado, o que se mostra dos próprios fatos observados, o que se apresenta por si mesmo ao observador e ouvinte. (BOSS, 1977, p. 7 apud COLTRO, 2000, p. 39).

O método fenomenológico pretende, assim, romper com uma visão naturalizada de mundo, resgatando o sentido dos fenômenos ao compreendê-los não como soltos em um vazio, mas entrelaçados ao seu mundo – mundo este que tem construções e destinações tecidas historicamente. Este trabalho tem como objetivo, portanto, desvelar possíveis sentidos do *acirramento* da pressão estética endereçada às mulheres no mundo

contemporâneo, a partir de uma revisão do que se coloca aí, isto é, a partir da desnaturalização do estado atual das coisas.

Para tanto, esta dissertação se constitui por quatro momentos: o primeiro preocupa-se em realizar um breve resgate sobre a condição da mulher na história, aliado a uma descrição sobre a problemática que se apresenta nos tempos atuais. Em seguida, o trabalho apresenta considerações de relevantes autores sobre o mundo contemporâneo, desvelando algumas de suas características e convocações. Um terceiro momento remonta aspectos fundamentais do pensamento heideggeriano sobre o *Dasein*, sua corporeidade e seu mundo. Tal construção possibilita, posteriormente, a interlocução entre os aspectos supracitados, desvelando possíveis tramas do cenário que se apresenta atualmente.

Essa análise (ou melhor, essa hermenêutica exploratória) objetiva oferecer importantes contribuições sobre o sentido deste fenômeno, experienciado por meninas e mulheres das mais diversas idades e recortes sociais. A relevância deste estudo, por fim, reside na possibilidade de *resgate* de outros horizontes possíveis.

Interessante notar como a palavra resgate possui tanto o sentido de “retomada” como o de “libertação”; pois é exatamente este o caminho que se pretende aqui: a realização de uma reflexão que possibilite, quem sabe, maior liberdade para meninas e mulheres, em uma aposta de que resgatar os conceitos engendrados em nossa sociedade sobre o ser mulher é, em última instância, resgatar a concepção de que estas são apenas possibilidades, e não verdades unas, imutáveis e atemporais.

1. MULHER E BELEZA

*Essa a vida que eu quero,
querida
encostar na minha
a tua ferida.*

(Paulo Leminski, 1991)

A história da mulher, marcada por estreitamentos e limitações, mas também por transformações e lutas, é o ponto de partida deste capítulo. Ainda que a discussão em torno da condição feminina na história seja por demasiado complexa e multifacetada, serão apresentados alguns aspectos importantes desta trajetória. Vamos a eles.

1.1 Ser-mulher

De início, vale pontuar que a condição da mulher vem se modificando com o avançar dos anos, e a própria presença feminina em espaços públicos dá notícias sobre estas transformações. Este deslocamento paulatino das mulheres encontra, porém, resistência em aspectos ainda engessados da sociedade.

Campos (2010) relembra que a mulher foi vinculada, por vezes, à natureza. A capacidade feminina de gerar vidas justificaria esta associação, de modo que:

[...] características corpóreas da mulher como fertilidade, amamentação, menstruação, gestação, etc. são associadas exclusivamente à reprodução e, sendo consideradas “naturais”, tornam-se reconhecidamente impossíveis de “civilização”. (CAMPOS, 2010, p. 19).

O suposto caráter indomável e não civilizatório das mulheres encontraria contraposição nos homens, pareados ao controle encarnado pela cultura. Observa-se, assim, uma histórica associação entre Mulher/Natureza/Feminino e Homem/Cultura/Masculino, em uma postura binária e considerada “natural”.

Assim, o pensamento hegemônico ocidental assume, há tempos, um olhar determinista sobre os significados atribuídos ao ser homem/ser mulher, em uma associação de símbolos e expectativas sobre cada um deles. Interessante notar o papel central que o corpo assume neste processo: é a partir de um marcador biológico-corporal (pênis ou vagina) que se diferenciam homens e mulheres em nossa tradição. Destas marcações, observamos direcionamentos que influenciam os caminhos adotados por indivíduos em suas trajetórias singulares.

A título de observação, utiliza-se aqui uma breve análise sobre o chamado “chá-revelação”, celebração popular no Brasil recente que reúne amigos e familiares de uma gestante para revelar o sexo do bebê a caminho. Ainda que bastante variado em sua forma, o anúncio carrega uma característica fundamental – e bastante simbólica: a chegada de um menino é geralmente indicada pela cor azul, enquanto a de uma menina, pela cor rosa. Estas determinações, inocentes à primeira vista, auxiliam na construção de ideais de feminilidade e masculinidade, isto é, na construção de expectativas e características “normativas” daqueles que nascem com vagina ou pênis, respectivamente. A elas, antes mesmo de nascerem, designam o rosa como cor, ou a boneca como passatempo, enquanto eles são apresentados, geralmente, a bolas e carrinhos de cor azul.

Esta trama regida por estereótipos não se faz presente somente na infância de um indivíduo, mas atravessa as mais diversas fases de sua vida. De início e na maioria das vezes, delegam-se aos homens aspectos como força, coragem, ordem, racionalidade e independência, ao passo que mulheres são associadas ao afeto, ao cuidado, à beleza, à irracionalidade e à sensibilidade. Nesta organização de mundo, condutas e formas de ser-estar tornam-se generalizadas, planificadas.

É de se imaginar que a naturalização de identidades a partir do sexo biológico traz consigo uma série de desdobramentos. Tancetti discute que esta lógica binária sustenta a concepção de que só há duas posições possíveis (masculina e feminina), que seriam estruturalmente divergentes em suas demandas e deveres – o que “[...] fatalmente implica também a existência de uma hierarquia entre os dois sexos” (TANCETTI, 2018, p. 10).

Estas relações desiguais de poder se manifestam em papéis sociais nos quais homens possuem prerrogativas e benefícios (MILLET, 1970; SCOTT, 1995 apud NARVAZ, 2006). Tal diferença hierárquica acaba atribuindo menor valor às atividades exercidas por mulheres, que tiveram sua autonomia limitada ao longo da história nos mais diversos âmbitos. Não por coincidência, percebe-se a marca de uma atitude devota e comedida do feminino diante do protagonismo masculino.

Fazendo frente a estas demarcações, o movimento feminista passa a estruturar discussões sobre os direitos e papéis das mulheres, instituindo debates que ganham força a partir de 1960. Ainda que convencionalmente se fale em movimento feminista, no singular, percebe-se, na realidade, a pluralidade de sua constituição. De modo geral, o

feminismo é um movimento que luta por direitos sociais e políticos para as mulheres. Ele se faz necessário, entre outros motivos, porque “[...] as mulheres continuam sendo majoritariamente responsáveis pelo trabalho doméstico” e ainda que “no mesmo cargo e com a mesma formação e função recebem salários menores que o de homens” (MAGALHÃES, 2017, p. 14) – sem falar da violência, que “[...] longe de diminuir, tem atingido cifras alarmantes” (MENEZES, 2017, p. 31).

Há de se considerar, no entanto, que muitas são as suas vertentes, isto é, muitas são as suas formas de compreensão e organização. Justamente por existirem inúmeras realidades e recortes de mundo, existem também diferentes formas de pensar como a equiparação de direitos e oportunidades entre homens e mulheres pode ser alcançada.

Nas palavras de Goldenberg (2001, n.p):

O denominador comum das lutas feministas foi o questionamento da divisão tradicional dos papéis sociais, com a recusa da visão da mulher como o “segundo sexo” ou o “sexo frágil”, cujo principal papel é o de “esposa-mãe”. As feministas reivindicavam a condição de sujeito de seu próprio corpo, buscando um espaço próprio de atuação profissional e política.

Mulheres, portanto, passam a reivindicar a possibilidade de construção de suas individualidades para além dos estereótipos supracitados, denunciando os estreitamentos imputados a elas por construções de gênero impositivas e normativas. O conceito “gênero”, neste sentido, é utilizado por estudiosos como instrumento de análise “[...] para evidenciar que o sexo anatômico não é o único elemento definidor das condutas da espécie humana” (HEILBORN; RODRIGUES, 2018, p.11), isto é, para explicitar que expectativas e comportamentos “destinados” a homens e mulheres não são “naturais”, mas sim construídos socialmente.

Simone de Beauvoir, pioneira neste discurso, critica o destino biológico-natural atribuído às mulheres, revelando as imposições sociais envolvidas neste processo. Apesar de estabelecer um profundo diálogo com o existencialismo, Beauvoir conquista notoriedade mundial por seu trabalho direcionado à condição da mulher na sociedade.

Em suas palavras:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. (BEAUVOIR, 1980, p.9).

Se por um lado as lutas feministas vão dando forma a um processo de abandono

dos pressupostos vigentes, instituindo resistência a este modo de conceber o mundo e o ser humano, por outro observa-se que a mulher contemporânea experimenta uma sobreposição de expectativas sobre suas decisões e ações. “Ser mulher hoje implica, via de regra, encontrar-se parte de uma realidade em que a multiplicidade de opções amplia o grau de liberdade, mas acaba também por intensificar a dificuldade nas escolhas” (LONGO, 2020, p. 13).

A contradição aqui colocada é um dos marcadores mais importantes do ser-mulher na contemporaneidade: ao mesmo passo em que podem vislumbrar liberdades antes negadas, meninas e mulheres encontram barreiras para abandonar os pressupostos de feminilidade ainda existentes socialmente.

Uma destas barreiras diz respeito à preocupação com a beleza, historicamente um dos principais signos da feminilidade. Vilhena, Medeiros e Novaes (2005 n.p) esclarecem: “A imagem da mulher na cultura confunde-se com a da beleza. Este é um dos pontos mais enfatizados no discurso sobre a mulher – a mulher pode ser bonita, deve ser bonita – do contrário não será totalmente mulher”.

Uma breve conceituação esclarece que “beleza” é um conceito volátil que encontra na cultura a sua tecitura. Ramos (2009, n.p) descreve:

A beleza é um conceito cultural estabelecido pelos membros de determinada população e influenciado pela história desta sociedade e pelo seu contexto atual. Desta forma, o padrão de beleza e o conceito de belo não são estáticos, estão sempre sendo modificados.

Ainda que as compreensões sobre o belo se desdobrem e se determinem dentro de um eixo tempo-espço, é notória a estreita relação estabelecida entre beleza e mulher. Veremos a seguir.

1.2 A beleza feminina na história

*Cada época tem seu próprio passo, olhada e jeito [...]
Não somente nas maneiras e gestos,
Mas até na forma do rosto
(Charles Baudelaire, 1964)*

Como a expressiva maioria dos eventos históricos, o discurso que aponta para a interlocução entre *beleza* e *mulher* nem sempre se apresentou de maneira uniforme.

Sabemos que, ao discorrer sobre determinado tema, existem infindáveis maneiras de abordá-lo ou investigá-lo, sendo impossível sentenciar a forma mais correta de cumprir com esta tarefa. Ainda assim, e respeitando estes parâmetros, o presente capítulo se debruça em uma tentativa de percorrer – mesmo que brevemente – a histórica associação entre o belo e o feminino.

Durante a Idade Média, regida por uma moral religiosa, a beleza da mulher era compreendida como fonte de tentação. Os atributos femininos, ao serem associados ao desejo, à sedução e ao prazer, foram diabolizados. Este aspecto pejorativo encontrava contraponto na imagem da Virgem Maria, livre de pecado por inspirar pureza e inocência. A Igreja e a religião, neste sentido, tiveram grande influência na percepção de que a beleza feminina ideal estaria relacionada ao divino.

O Renascimento, por sua vez, marca o início do protagonismo da beleza física. Nas palavras do historiador Daniel Arasse (2012, p. 546), neste período “[...] a valorização do corpo era indissociável da exaltação de sua beleza física”. É neste contexto que a imagem da mulher se afasta da sua condição pecaminosa anterior (VILHENA; MEDEIROS; NOVAES, 2005). Ainda assim, esta deveria seguir amparada por determinados parâmetros de pureza, como apontam as obras do período: “O nascimento da Vênus”, de Botticelli; “Madona e Mona Lisa”, de Leonardo da Vinci; “A Vênus adormecida”, de Giorgione.

A mulher, pela primeira vez, aproxima-se da perfeição, parcialmente libertada da tradição que a demonizava. O prestígio de Vênus na iconografia, o prestígio da “corte das damas” na companhia dos príncipes, os domínios da beleza feminina nos tratados de beleza assemelham-se a uma reabilitação. É a primeira forma moderna de um reconhecimento social. (VIGARELLO, 2006, p. 24).

Na Idade Moderna, a relação entre beleza e mulher também aparece de forma indissociável. É neste período que Immanuel Kant cunha a expressão “belo sexo”. Barboza (2009, n.p) lembra que, para Kant:

A beleza feminina não combina com a profundidade do conhecimento. O belo sexo, sob o risco de tornar-se feio e pouco atraente, não deve ocupar-se com especulações abstratas, “não estudará geometria” e deixará de lado as filosofias abstrusas que tratam de lógica [...].

No decorrer do século XX, em especial no Ocidente, o padrão de beleza se vincula ao corpo cada vez mais esguio, o que se inicia por volta de 1920. O padrão corporal parecia acompanhar o momento histórico de maior liberdade feminina, de modo que o

“[...] regime e musculação começavam a modelar as compleições esguias que passam a caracterizar a mulher moderna, desembaraçada do espartilho e ao mesmo tempo de sua gordura decorativa” (DEL PRIORE; FREIRE, 2005, p. 221 apud MARCELJA, 2018, p. 26-27). Vale notar que, até esta época, prevalecia a narrativa que apontava a beleza como algo divino, mais do que uma conquista individual. Os anos 1940, porém, marcam uma mudança de referencial: não mais se evocava a beleza advinda das deusas gregas, mas sim de celebridades hollywoodianas (ARLOTTA, 2019), que observavam a sua influência aumentar exponencialmente na época.

Durante as décadas seguintes, a concepção padronizada de beleza se sedimenta no imaginário coletivo, a ponto de, nos anos 1970, a sua importância já estar amplamente difundida na sociedade. Mas não somente isto. Se outrora considerada atribuição divina, no decorrer dos anos 1950 e 1960 a beleza passa a ser “de quem quiser”, basta certo esforço. Vê-se, neste período, o início da “democratização da beleza”: “Menos do que um dom, a beleza foi interpretada como o resultado de uma conquista individual, um trabalho que não tem hora nem lugar para começar ou para acabar” (SANT’ANNA, 2014, p. 119). Não à toa, o fragmento de uma revista de 1956 anunciava: “Hoje é feia somente quem quer”¹. Destaca-se, aqui, o uso do adjetivo “feia” – no feminino. Identifica-se, assim, a quem se endereçavam tais imperativos.

Com seus artefatos tecnológicos de alcance massivo, o século XXI traz a radicalização do estatuto da beleza: “Nestas últimas décadas esta preocupação cresceu enormemente, com novos modelos de mulher a serem imitados: cada vez mais jovens, belas e magras” (GOLDENBERG, 2006, p. 116).

Contraditoriamente (ou não), este é um período marcado pela crescente autonomia das mulheres, que passaram a ocupar espaços públicos e de poder, também experienciando potências antes escamoteadas de suas vidas privadas. Ainda assim, observa-se que os tão familiares imperativos estéticos continuaram a permear suas vidas, multiplicando-se com a intensa velocidade do mundo contemporâneo.

Ecoss dessas observações se consolidam em pesquisas como as de Mirian Goldenberg. A partir de entrevistas com 1.279 participantes da classe média carioca, a

¹ Arte trazida por Sant’Anna em sua publicação de 2014.

antropóloga observa que, ao serem questionadas sobre o que mais invejam em outras mulheres, os descritivos “beleza”, “corpo” e “inteligência” são os mais citados (GOLDENBERG, 2005). A pesquisa tem por mérito desvelar, entre outros aspectos, que ser bela é uma prioridade para as participantes. A importância deste atributo é tamanha, que características como “cuidado”, “maternidade” e “sedução”, também historicamente associadas ao feminino, ficam de fora. Neste páreo, a beleza e o corpo parecem largar na dianteira.

Entretanto, não somente as classes média e alta estão expostas a esta “obrigação do feminino”. Apesar de importantes limitações financeiras, mulheres com rendas mais baixas também despendem tempo e dinheiro na busca por produtos de beleza, em uma tentativa de (também) maior aceitação social (LIVRAMENTO; HOR-MEYLL; PESSÔA, 2013). Isto acontece pois, em nosso mundo, a construção de um lugar para mulheres geralmente passa pela conformidade a determinados parâmetros estéticos.

Assim, de maneira análoga às tramas de mundo que vocalizam o belo como medida de valorização social, observa-se o escrutínio vivenciado por aquelas que não performam tais imposições, a ponto de o vocabulário masculino estar recheado de expressões para diminuir as “[...] estraga-prazeres, pobres-diabos, tão feias que mal parecem mulheres” (SANT’ANNA, 2014, p. 99).

Não por acaso, podemos facilmente apontar as infundáveis transformações corporais às quais as mulheres foram submetidas ao longo da história. Claro, ritos e esforços transformadores fizeram parte da vivência corporal de homens e mulheres ao longo da história. Porém, “[...] quando nos referimos aos ideais de beleza de uma cultura, observamos transformações bem mais radicais nos corpos femininos, tal como os pés de lótus das chinesas” (ARLOTTA, 2019, p. 56). Arlotta cita, ainda, outros exemplos que corroboram com sua afirmação, destacando as vivências das mulheres da tribo Karenis em Mianmar, que inserem anéis de metal nos seus pescoços, ou mulheres da tribo Mursi na Etiópia, que têm seus lábios cortados para a colocação de adornos.

E o quão distante a mulher ocidental do século XXI está destes processos? À parte da óbvia complexidade de todos estes fenômenos culturais, existem aproximações possíveis, especialmente se observadas as práticas de alteração corporal como forma de alcance a determinados parâmetros de beleza.

A esta altura, questiona-se: quais parâmetros de beleza se apresentam no contexto atual? E quais processos contemporâneos compõem este cenário?

Destes questionamentos, partem as reflexões a seguir.

1.3 Beleza e magreza: uma estreita relação

*Li sobre pássaros e passei a saber que os pássaros medem
a distância em unidades de corpo e não em metros:
a densidade de cada corpo não importa,
o que importa é a distância entre eles.*

(Matilde Campilho, 2015)

Números de uma balança ou parâmetros de um exame médico não são suficientes para abarcar toda a complexidade de uma concepção de corpo ideal. Construída paulatinamente, a associação entre beleza e magreza marca, invariavelmente, a experiência das mulheres com seus corpos.

Novaes e Vilhena apontam: “A experiência do corpo é sempre modificada pela experiência da Cultura” (2003, n.p). Quando a disponibilidade de comida era escassa, por exemplo, os ideais de beleza valorizavam pessoas curvilíneas, justamente por seus atributos corporais indicarem que aquele indivíduo pertencia a uma classe social capaz de alimentar-se.

O passar do tempo inverte tal lógica, de modo que o baixo Índice de Massa Corporal (IMC) passa a ditar o lugar de desejo para a maioria das mulheres, que observam a magreza despontar como atributo necessário. Sobre isto, o sociólogo Mike Featherstone (1995) sinaliza o papel central das indústrias da moda, dos cosméticos, da publicidade e de Hollywood na construção do conceito de beleza ao redor do corpo magro. A ascensão das supermodelos entre os anos 1980 e 1990 também é um marco importante nesta composição (GOLDENBERG, 2011). É neste período que uma avalanche de mulheres ganha fama e notoriedade a partir de determinados marcadores estéticos, em especial a magreza. A profissão torna-se um sonho para muitas, que a consideram como o ideal de sucesso feminino nos mais diversos âmbitos.

A cultura do corpo indubitavelmente toma conta da cena contemporânea, passando a ser lócus da construção identitária feminina e moeda de mediação das relações sociais. O imaginário coletivo, especialmente o brasileiro, reforça a ideia de que o corpo padronizado é um elemento fundamental para a conquista de parâmetros valorizados na cultura, como o matrimônio e a sexualidade (GOLDENBERG, 2015).

As mulheres acima do peso passam a ser lidas, assim, como incapazes de incitar o desejo masculino (MARCELJA, 2018), além de contraventoras da lógica vigente, especialmente por não corresponderem ao imperativo fundamental do ser-mulher: o esforço extenuante em direção a um padrão estético. “Que mulher, em nossos dias, não sonha ser magra? [...]. Vê-se uma proporção não desprezível de americanas afirmar que o que mais temem no mundo é engordar” (LIPOVETSKY, 2000, p. 133). Nesta lógica, não haveria outra “explicação” para o acúmulo de gordura que não o completo descontrole e descuido destas mulheres com suas vidas.

É neste contexto que procedimentos corporais são exaustivamente utilizados para evitar a gordura, rechaçada por estar associada à feiura, ao descuido e à ausência de saúde. Próprios da anatomia humana, os excessos, marcas e texturas começam a ser combatidos, de modo que somente o corpo magro é socialmente aceito. Enclausuradas em tais imperativos, meninas e mulheres correm contra os efeitos do tempo e da biologia, em uma busca esvaziada e repetitiva.

Dados apontam, por exemplo, um *boom* de academias de ginástica no Brasil nos anos 1980. Com seus infundáveis aparelhos, aulas, professores e espelhos, estes espaços tornaram-se fundamentais para homens e mulheres que buscam aperfeiçoar traços e contornos corporais. As academias se inserem, assim, no cotidiano de uma parcela da população², passando a ser lócus de reconhecimento para aqueles que “fazem por merecer” o corpo socialmente aceito. Nas décadas seguintes, o Brasil tornou-se o segundo país com mais academias no mundo (TOLEDO, 2010), o que explicita a proporção adquirida por estes estabelecimentos na sociedade brasileira.

O universo *fitness*, assim, acaba por receber cada vez mais adeptos. Com as propagandas e promessas de bem-estar e culto ao corpo, as musas *fitness* se proliferam de maneira vertiginosa, e disponibilizam aos seus seguidores o “caminho das pedras” em

² Aquela que pode arcar com os privilégios de acesso a estes e outros espaços.

termos de alimentação e exercícios. A palavra *fitness*, por si só, merece atenção: o verbete *fit*, em inglês, pode ser traduzido como “adequado”, enquanto *fitness*, ao contrário de seu uso mais comum, também pode ser definido como “a qualidade de ser adequado” ou “adequação”. Não há dúvidas de que este é o apelo que este universo traz – o de adequar-se.

Compreender os impactos destes imperativos é tarefa dispendiosa. Etcoff (1999) averiguou que um terço das profissionais pesquisadas em agências e ao menos metade das mulheres da *Playboy*³ apresentavam índices de desnutrição. Não à toa, Goldenberg (2002) cita a epidemia de anorexia e bulimia nos últimos anos, apontando para uma geração que cresce em meio à busca pelo corpo de mulheres famosas, como Cindy Crawford e Gisele Bündchen.

Segundo Wolf (2020, p. 264): “A seita da perda do peso recruta as mulheres desde cedo, e os transtornos alimentares são o seu legado. A anorexia e a bulimia são doenças do sexo feminino⁴”. Ainda que sua etiologia seja complexa e multifatorial, é evidente o peso de tantas imposições estéticas na construção destes quadros. A associação entre beleza e magreza causa prejuízos na autoestima de meninas e mulheres, que pressionadas a performar determinados contornos corporais, adotam comportamentos de risco para transtornos alimentares.

A prescrição de dietas, o uso de diuréticos e a prática extenuante de exercícios são, assim, vendidos como fórmulas para o alcance deste ideal. O que se observa, porém, é que no lugar da boa forma, encontramos corpos - ou melhor, pessoas - adoecidas.

1.4 Demais imperativos da beleza

*Gosto de ver como as estrias
das minhas coxas são humanas
e como somos tão macias porém
àspers e selvagens
quando precisamos*

(Rupi Kaur, 2017)

³ Revista de entretenimento erótico direcionada para o público masculino. Fundada em 1953, atingiu enorme circulação na década de 70, perdendo relevância com o avançar dos anos.

⁴ Ressalta-se, aqui, que anorexia e bulimia são doenças que acometem *principalmente* o sexo feminino, mas não exclusivamente.

Se o corpo possui papel central no imaginário de meninas e mulheres, qual seria o peso do envelhecimento, processo no qual mudanças corporais significativas ocorrem ao alcance dos olhos? Apesar de parte do existir humano, os significados e compreensões atribuídos ao processo de envelhecimento passam pelo crivo compreensivo de uma época. É evidente que o desejo de eterna juventude não é uma particularidade do cenário atual, haja vista a ancestral criação de mitos em torno dos deuses, que nunca são visitados pelo tempo. Ainda assim, há de se considerar que, na contemporaneidade, o envelhecer é geralmente lido como um fracasso – vide a palavra *aposentadoria*, que “[...] traz uma conotação de condenação do idoso aos seus ‘aposentos’” (GIBERTI, 2018, p. 40).

Se para os homens o envelhecer geralmente é sentido pela perda de potência e virilidade, para as mulheres o mal-estar se estabelece, principalmente, pela diminuição de traços físicos valorizados (ABOIM, 2014 apud YOKOMIZO; LOPES, 2019, p.291). O peso do envelhecimento, todavia, parece apresentar-se de modo mais severo às mulheres. Sant’Anna (2014, p. 43) sublinha: “[...] para a tristeza das mulheres, os homens pareciam envelhecer melhor. Não por acaso, as piadas sobre idade recaíam principalmente sobre elas”.

Ainda que pudesse ser compreendido como um processo repleto de ganhos – como a maturidade, a intimidade ou a sabedoria – o envelhecimento feminino geralmente é assimilado a partir do lugar da perda, da falta (GOLDENBERG, 2012). Isto se dá, também, porque a juventude é entendida como um valor pela sociedade atual. Como diz Pacheco Filho (2002, p. 85):

Rugas e cabelos brancos vão sendo cada vez menos associados a experiência de vida, dignidade e temperança, recebendo estigmas que variam da decrepitude física e psíquica à falta de competência e à recusa em assumir as transformações da sociedade.

Para as mulheres, portanto, a determinação é envelhecer de forma atenta aos cuidados com a aparência – cuidados estes que envolvem o esconder de marcas, rugas e flacidez, além do uso de roupas adequadas. Não por coincidência, percebe-se a intensa circulação de produtos que prometem a reversão de alguns sinais corporais do tempo, de modo que prateleiras de farmácias e lojas estão recheadas de cosméticos que, em última instância, sugerem um modelo de beleza único e imperativo. A experiência e a maturidade são vencidas por uma juventude celebrada como ideal. Sobre isto, Lipovetsky (2002, p. 5) afirma: “O vestuário foi substituído pela ditadura da magreza e da juventude. A

ansiedade que domina as mulheres quando estão gordas ou com celulite mostra essa tirania. [...]. Estar em forma e não envelhecer é a obsessão número um de hoje”.

Porém, fosse uma colcha de retalhos, o padrão estético vigente contaria com mais tramas, além da magreza e da juventude.

Toda e qualquer análise de um fenômeno demanda um olhar que o compreenda para além de seu caráter naturalizado. Como não poderia deixar de ser, o imperativo de beleza também é atravessado por determinadas estruturas, sendo sintoma de uma dinâmica social que oprime e discrimina parte da população há séculos.

O racismo, assim, aparece como um dos elementos estruturantes do padrão atual, uma vez que o belo geralmente está associado a características de pessoas brancas. Freire (2020, p. 269), em referência aos escritos de Grada Kilomba, destaca que na sociedade brasileira “[...] a classe, a ideologia, a estética, a exigência e as expectativas são todas brancas”. Qualquer fenótipo negro torna-se, portanto, desvalorizado. Fazendo coro a esta constatação, a filósofa Djamilia Ribeiro (2019, p. 27) afirma: “Não é possível esperar que um grupo racial [...] seja a única referência estética”. Assim, aponta a relevância da quebra de um olhar que reconhece somente pessoas brancas como bonitas.

Como afirma Novaes (2013, p. 252), “[...] este mundo é feito para os magros, jovens, brancos, caucasianos e sem nenhum tipo de deficiência física. Quem não pertencer a um desses grupos, com certeza ficará à margem sofrendo inúmeros preconceitos”.

1.5 Beleza feminina e mídia

*A noite não adormecerá
jamaiz nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
[...]
pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência.
(Conceição Evaristo, 2017)*

O crescimento e a evolução das mídias e canais de comunicação são um marco no cenário contemporâneo. Se por um lado este movimento auxiliou na democratização da informação, por outro serviu para disseminar, a passos largos, padrões sociais que ditam tendências de comportamento. A transmissão de informações, outrora realizada de

maneira rudimentar, modificou-se de maneira expressiva na modernidade. O que antes circulava somente em pequenos grupos, passou a atingir um enorme contingente de pessoas, de modo que distâncias e barreiras foram encurtadas pelo alcance dos jornais, das revistas, do cinema e da televisão.

O mundo como conhecido hoje é exaustivamente marcado pela presença destas mídias. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2016 (GANDRA, 2018) apontou que apenas 2,8% dos 69,3 milhões de lares brasileiros não possuíam aparelhos televisores, por exemplo. Durante muito tempo, este fora um dos principais canais de entretenimento, diversão, prazer e informação para imensa parcela da população.

Justamente por sua alta penetração no cotidiano social, Couto et al. (2008, p.111) destaca o poder que estas mídias possuem na construção de ideais e desejos: “As mídias não são neutras, a exemplo da televisão, que influencia a linguagem e a sociedade em diversas ações, como na política, negócios, esportes e arte, etc.”. Fazendo coro a esta afirmação, Baldanza e Abreu (2006, p 97) afirmam:

As mídias inquestionavelmente exercem papel fundamental na sociedade contemporânea devido ao seu poder de penetração material e simbólico no cotidiano das pessoas. Assim, torna-se irreal pensar a cultura e as ações sociais sem relacioná-las às mídias.

Nas palavras de Lipovetsky (2000, p.164), a imprensa direcionada ao universo feminino “Generalizou a paixão pela moda, favoreceu a expansão social dos produtos de beleza, contribuiu para fazer da aparência uma dimensão essencial da identidade feminina para o maior número de mulheres”. A título de ilustração, Matos e Lopes (2008) discorrem sobre a ação da mídia e das revistas femininas na modelação de corpos, destacando a homogeneidade das imagens observadas nas publicações da revista TPM, que exibiam sempre mulheres jovens, brancas e magras.

Não há como negar que as narrativas produzidas por estas mídias exerceram papel fundamental na criação e manutenção de ideais de feminilidade. Elas amplificam este discurso, e estimulam o consumo de corpos trabalhados, “cuidados”, e que geralmente respondem ao desejo do outro. Não era raro observar uma infinidade de capas de revistas femininas que apresentavam os impactos positivos de uma dieta ou a fórmula mágica para obter a beleza de determinada atriz, por vezes associando-os à conquista do olhar masculino.

É nesta presença cotidiana – e quase imperceptível – que revistas, programas televisivos, propagandas e mídias eletrônicas apresentam imagens diversas, que sedimentam o que deve ser valorizado. Considerando que “no mundo das imagens contemporâneas existem muito mais mulheres do que homens” (VILHENA; MEDEIROS; NOVAES, 2005, p. 112), observa-se um perigoso cenário para elas.

O que se constata é um esforço para consolidar um estereótipo de feminilidade geralmente vendido como a chave para a felicidade e para o sucesso. A mensagem que chega às meninas e mulheres, por meio das imagens midiáticas é: ser feliz tem a ver com a conquista de parâmetros estéticos específicos, que são determinantes para a sua aceitação social (GONÇALVES; MARTÍNEZ, 2014). O ser bela, portanto, vem acompanhado de inúmeras outras promessas, como a felicidade, a aceitação social e a liberdade.

1.6 Beleza nas redes sociais

A discussão em torno da influência da mídia tradicional nas narrativas que circulam em nossa sociedade necessita, contudo, de atualização: a prevalência atual da internet banda-larga e a popularização do uso de *smartphones* torna inevitável o questionamento sobre os impactos destes artifícios nos desejos coletivos.

Os anos 2000 marcam o advento e a popularização das redes sociais, momento em que usuários de todo o mundo começam a habituar-se com novos horizontes de interação possíveis. Tais aplicativos viram a sua relevância aumentar exponencialmente ao longo dos anos, a ponto de tornarem-se elementos centrais no cotidiano de jovens e adultos de todo o mundo. Hoje, qualquer pessoa com acesso pode aventurar-se neste universo, amplo o suficiente para abrigar, inclusive, novas profissões: blogueiras e *youtubers*, por exemplo, passaram a integrar o seleto grupo das profissões mais cobiçadas pela sociedade. O trabalho destes profissionais depende invariavelmente da sua exposição, sendo mensurado e remunerado a partir dos números de *views* e *likes*, ou seja, a partir das visualizações e interações com os demais usuários.

Neste palco fecundo, celebridades instantâneas se proliferam de maneira vertiginosa, alcançando os mais altos índices de reconhecimento social. As chamadas *digital influencers* são acompanhadas por milhões e milhões de seguidores, utilizando-se,

por vezes, do recurso *beleza* como apelo. Claro, os interesses e nichos de atuação nestas plataformas são diversos, mas não há como desconsiderar o reconhecimento atribuído às mulheres que performam a estética vigente – e que exploram isso em suas redes pessoais. O surgimento de personalidades como Kim Kardashian e Gabriela Pugliesi⁵ corrobora tal afirmação, visto que ambas dividem com seus seguidores um estilo de vida cuja marca primeira é a exposição estética e corporal de determinados atributos.

Dados divulgados pelo relatório *Digital 2020*⁶ revelam que, no Brasil, a audiência dos anúncios no Instagram é majoritariamente feminina⁷. Tal dado aponta para o alcance adquirido por esta plataforma entre as mulheres - fato que não deixa de ser simbólico: enquanto o Twitter possibilita a escrita de pequenos textos, e o LinkedIn direciona-se a ampliação de redes de contato profissionais, o Instagram norteia-se, principalmente, pelo acesso a fotos de outros usuários. De modo geral, uma foto nada mais é do que um breve recorte, uma ferramenta que registra apenas uma fração de segundo. O acesso ao outro se dá de maneira estanque, estática. Perdem-se as nuances inerentes ao movimento, ao processo, havendo exposição somente do “produto final”, comumente pensado e articulado de forma milimétrica.

Não raro, usuários se deparam com chamadas como “Descubra os melhores ângulos para a foto perfeita”, nas quais são divulgadas: 1) a ideia de que existem fotos perfeitas – existindo, portanto, outras tantas que não são; 2) a ideia de que estas são alcançáveis com certo esforço; 3) a ideia de que a “foto perfeita” é, de fato, algo com que se preocupar. Uma rápida pesquisa no Google apontou, por exemplo, a matéria “Aprenda 10 truques para sair bem em todas as fotos”, do famoso site de notícias Terra. Apesar de o título não apresentar nenhum direcionamento de gênero, logo fica claro a quem ele se destina: a enorme foto de uma mulher de *lingerie* estampa a edição, e todos os pronomes utilizados estão no feminino. Sair bem em todas as fotos, pelo menos para esta publicação, deve ser uma preocupação das mulheres.

Vale notar o emprego da palavra “truque” nestes cenários. De acordo com o dicionário online *Michaelis*, tal vocábulo tem por definição “estratagem que se usa para enganar; ardil, artimanha, tramoia”, além de “[...] artifício utilizado especialmente em

⁵ Influenciadoras digitais, que em 2021 contavam com 256 milhões e 4,6 milhões de seguidores no Instagram, respectivamente.

⁶ Relatório sobre o universo digital organizado em 2020 pelas agências *We Are Social* e *Hoosuite*.

⁷ 59,2% é a porcentagem da audiência de anúncios que o Instagram reporta como sendo feminina.

espetáculos de mágica para criar uma impressão distinta da realidade” (TRUQUE, 2021). A escolha desta palavra fala sobre o fenômeno em si, ou seja, sobre o incentivo do uso de artifícios que, em última instância, provocam certa ilusão no espectador.

Poses, iluminação, maquiagens, filtros, edições, todos utilizados de maneira recorrente, mas não a ponto de serem identificados com facilidade. Nota-se, conseqüentemente, a naturalização do artificial, de maneira que meninas e mulheres estão expostas a imagens exaustivamente montadas, mas que parecem naturais.

Com o passar do tempo, tornou-se público e notório que modelos e atrizes fazem uso de ferramentas para parecerem “perfeitas” em revistas e anúncios publicitários, e até certo momento os artifícios por elas utilizados não estavam acessíveis ao grande público. No entanto, hoje em dia a tal perfeição não é mais exclusividade das celebridades: a utilização de métodos instantâneos de alteração da aparência – como filtros do Instagram ou aplicativos de edição de fotos – estão disponíveis a um toque. Assim, os padrões de beleza se disseminam, também, a partir de contatos próximos – uma amiga, uma vizinha ou uma colega de classe.

Observa-se, portanto, meninas e mulheres cada vez mais expostas a rígidos ideais estéticos, que geralmente incluem corpos magros (mas sensuais), seios fartos (mas empinados), quadris volumosos (mas não exageradamente), cinturas finas, peles lisas, narizes arrebitados, cabelos hidratados, bocas carnudas – ou seja, atributos dificilmente encontrados naturalmente em uma só mulher.

Não à toa, uma pesquisa realizada por Lira et al. (2017) aponta que as adolescentes que acessavam o Facebook e o Instagram diariamente apresentavam maior chance de se sentirem insatisfeitas com a própria imagem corporal quando comparadas àquelas que os acessavam mensalmente. O acesso diário maior que 10 vezes ao Facebook e Instagram também apresentou desdobramentos significativos ao aumentar a chance de insatisfação com a imagem corporal em 6,57 e 4,47 vezes, respectivamente, quando comparadas àquelas que acessavam estas plataformas mensalmente

1.7 Beleza fabricada

*Esculpir-me
como a uma
cerca viva
erigir-me
severa e simétrica
construir-me em volta
de um palácio (vazio)*

(Ana Martins Marques, 2019)

Diante deste cenário, nota-se que o cotidiano feminino é, atualmente, atravessado por altos investimentos no campo da estética. O embelezamento das mulheres está fortemente balizado pela utilização de artifícios (VILHENA; MEDEIROS; NOVAES, 2005), de modo que procedimentos como depilação, hidratação capilar, modelação dos cabelos, cuidado com a pele e unhas, uso de cremes para o corpo e para o rosto, aplicação de camadas e camadas de maquiagem são, entre outros, parte constituinte da rotina de grande parcela da população feminina.

Meninas e mulheres estão, assim, submetidas a práticas contínuas de embelezamento, em um esforço intensivo de autoaperfeiçoamento e gestão da própria aparência. Como resultado, observa-se a existência de mais um trabalho com o qual as mulheres devem se ocupar, para além das tarefas domésticas e do próprio emprego assalariado. Não por acaso, feministas discutem não mais a concepção de jornadas duplas ou triplas, mas de uma jornada contínua de trabalho feminino.

Dados estatísticos sobre este autoaperfeiçoamento revelam um crescimento exponencial na demanda por procedimentos e cirurgias plásticas estéticas ao longo dos anos. Divulgado em 2019, o Censo da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP, 2019) revela que o número de cirurgias estéticas realizadas por ano no Brasil saltou de 459 mil em 2009, para 1,05 milhão em 2018. Não à toa, dados da International Society of Aesthetic Plastic Surgery⁸ divulgados em dezembro de 2020 anunciam o Brasil como o país que mais realizou procedimentos cirúrgicos no ano de 2019, com cerca de 13,1% do total mundial. A publicação também sinaliza um aumento mundial na procura por procedimentos estéticos: O uso de toxina botulínica, por exemplo, aumentou 35,5% de 2015 a 2019, assim como a cirurgia para o aumento de nádegas, que cresceu 65,9% no mesmo período. A mesma publicação demonstra, ainda, que globalmente 86,5% das cirurgias estéticas foram realizadas em mulheres, e que 32,3% dos procedimentos de

⁸ Em português, Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética.

aumento de mamas realizados em meninas de 17 anos ou *menos* tiveram justificativas puramente estéticas – índice significativamente maior que a segunda razão apresentada (INTERNATIONAL SOCIETY OF AESTHETIC PLASTIC SURGERY, 2020).

Sant’Anna (2014) aponta que, até certo momento, era possível separar a beleza entendida como natural daquela “montada”, que se desfaz com a retirada dos acessórios. O que se observa atualmente, porém, é a busca por uma estética que abarque, além dos artigos supérfluos, transformações corporais mais invasivas, que possuam durabilidade prolongada. Uma rápida pesquisa indica que inúmeras são as intervenções possíveis: próteses de silicone, lipoaspiração, rinoplastia, abdominoplastia, *lifting* facial, dermolipectomia de braço, mastopexia, otoplastia, dermolipectomia abdominal, gluteoplastia, implante capilar, suspensão de coxa, bichectomia, mentoplastia, plástica vaginal, toxina botulínica, preenchimento labial, *peeling*, laser, suspensão com fios, carboxiterapia, dermoabrasão, luz pulsada, intradermo, microagulhamento, hidroxiapatia, radiofrequência, crioterapia e ultrassom microfocado, por exemplo (SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIRURGIA PLÁSTICA, 2019).

O desenvolvimento das ciências médicas possibilitou o aprimoramento de técnicas e artifícios que garantiram maior eficiência e segurança na realização de cirurgias plásticas. A ampliação da gama de procedimentos e a facilidade para acessá-los impulsionou a “democratização” do que antes se circunscrevia a uma parcela muito restrita da população – geralmente aquela com vastos recursos financeiros. Apesar de ser um fenômeno complexo, não restam dúvidas sobre a naturalização – e por que não a *banalização* – destes procedimentos invasivos, vendidos atualmente como corriqueiros e inofensivos.

Além dos dados supracitados, a publicação ISAPS (2019) também apresenta uma informação que chama a atenção: o Instagram destaca-se como a mídia social mais utilizada por cirurgiões plásticos, com cerca de 62% das respostas. O LinkedIn, plataforma voltada para relacionamentos profissionais, amarga a 7ª posição deste *ranking*, com apenas 6,4 do percentual. Percebe-se, novamente, a relevância desta rede social na disseminação de imagens e narrativas, inclusive por profissionais que realizam procedimentos estéticos.

Interessante notar que, mesmo mulheres que possuem visibilidade e capital para o alcance destes parâmetros estéticos – e que de fato se submeteram a procedimentos, cirurgias, dietas etc. – relatam uma insatisfação permanente. A título de ilustração, destaca-se, aqui, uma série de relatos públicos feitos por mulheres sobre os sofrimentos advindos desta preocupação estética. Em um longo texto em suas redes sociais, a *influencer* Amanda Djehdian (2020) afirma: “Há 14 anos por vaidade, pressão, insegurança coloquei algo que me disseram que era super seguro [...] Comecei a ter uma visão distorcida de quem eu era, e para me sentir mais bonita coloquei o silicone”; Mirian Bottan (2018), jornalista, também em suas redes sociais compartilha: “Quando eu tinha 16 anos, um médico me disse que eu poderia morrer se não parasse de fazer loucuras para emagrecer. E eu respondi sem dúvida nenhuma que preferia morrer magra do que (sic) engordar”.

Daiana Garbin (2021), escritora: “Eu fiz três cirurgias de lipoaspiração na juventude [...] Eu tinha certeza de que depois da primeira cirurgia estética começaria a me amar. Entretanto, isto não aconteceu [...] Pelo contrário, a cada cirurgia eu ficava mais obcecada”; Gessica Kayane, humorista: “Vocês não têm noção do que fazem com a autoestima de uma pessoa. É toda hora: roupa feia, cara feia, cabelo feio [...] O que tinha de plástica para fazer eu já fiz” (FLORES, 2021); sobre a sua gestação, a atriz Rafa Brittes: “Uma coisa que é muito delicada é a nossa relação com o corpo na gravidez e no pós-parto. [...] Tenho insegurança, sim, com relação à minha exigência do meu corpo. [...] Eu não queria pensar assim, mas ainda penso” (RAFA, 2021).

Em *post* no Instagram, a atriz Alice Wegmann (2017) comenta: “Durante anos fiquei sem usar regata porque tinha horror aos meus ombros e braços largos [...] Já deixei de sair de casa algumas vezes por insegurança”; Preta Gil (2021), cantora: “Quem me vê hoje pode achar que eu sempre tive essa relação mais liberta com meu corpo, mas nem sempre foi assim. Eu tentei me enquadrar nesses padrões, mas adoeci meu corpo e minha alma”; Debora Nascimento, atriz, em entrevista a um programa de televisão: “Entendi o meu tamanho, o corpo que eu tenho e a minha estrutura [...] Não adianta eu querer ser uma coisa que eu não sou e forçar o meu corpo a extremos que não fazem parte da minha natureza” (APÓS, 2013).

Este é apenas um breve apanhado de relatos. Seria possível preencher todo um trabalho com estes fragmentos – mas não o faremos pois não nos parece necessário. O

que interessa, aqui, é evidenciar que a preocupação estética não atinge os indivíduos de maneira indiscriminada, mas age com maior intensidade sobre as mulheres. Não há como negar o peso destas imposições sobre elas. E mais: Nota-se que a preocupação feminina com a beleza, ainda que historicamente presente, se materializa com especial força nos dias de hoje.

Diante disto, surge a questão: quais são as tramas de mundo que estampam este cenário?

Importante salientar que este breve recorte não pretende sedimentar a compreensão de que as mulheres são seres passivos e submissos ao que se coloca no mundo. Também não se pretende a reprodução de estereótipos que enclausuram mulheres no papel de superficiais e/ou vinculadas apenas à aparência. Ao contrário: este primeiro ensaio pretende oferecer uma caracterização do cenário atual, que é de onde este trabalho parte. De modo geral, um capítulo descritivo tem como intuito enunciar o contexto que se apresenta sobre determinada temática, de forma a sedimentar uma base sólida para reflexões que, a seguir, serão expostas.

2. O MUNDO CONTEMPORÂNEO

*Arre, estou farto de semideuses!
Onde é que há gente no mundo?
Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?*

(Álvaro de Campos, 1972)

Não há como avançar nas considerações que este trabalho propõe sem uma breve caracterização do mundo contemporâneo. Apresentaremos a época atual - com suas especificidades e incongruências - destacando os seus modos de viver e suas convocações históricas. Tais descritos terão como base o pensamento de autores como Zygmunt Bauman, Byung Chul Han, Vladimir Safatle, Nelson Junior, Christian Dunker e Alain Ehrenberg, pelas relevantes contribuições de suas obras. Não há, porém, a pretensão de esgotar o tema. Como ficará claro a seguir, ele é por demasiado complexo e extenso, fugindo do escopo desta dissertação. Ainda assim, considera-se relevante a explanação de alguns tópicos que serão fundamentais para reflexões posteriores.

2.1 A época moderna e suas transformações

Tomar a época atual como objeto de estudo pressupõe uma breve contextualização histórica, de modo a apresentar processos e transformações observados na sociedade ocidental das últimas décadas. Por isso, e pensando em um recorte adequado a este propósito, o ponto de partida deste capítulo é a *modernidade*, organização social com início na Europa do século XVII (GIDDENS, 1990).

Alinhada aos preceitos do Iluminismo⁹, a era moderna estabelece o primado da ordem e da razão, sendo também marcada pelos imperativos das grandes narrativas, das hierarquias, do pensamento a longo prazo e do poder centralizado. A premissa de controle e ordem estava associada à possibilidade de progresso, de modo que a administração e o planejamento racional dos eventos mundanos eram vistos como caminhos para obtenção de um “[...] rumo desejável sobre a ordem das coisas” (FRIDMAN, 2014, p. 255).

Pensadores, porém, sinalizam uma mudança substancial nos modos de vida tipicamente modernos, mudança esta que acontece por inúmeras razões sociais e

⁹ Movimento intelectual caracterizado pela centralidade da ciência e da racionalidade.

econômicas. Como toda transformação histórica, ela não ocorre somente como consequência de um grande acontecimento, mas se dá, também, a partir de pequenos fragmentos que, a longo prazo, sedimentam novas formas de organização.

Esta mudança inaugura um novo período, que fora batizado de diferentes maneiras – pós-modernidade, modernidade líquida, capitalismo tardio, modernidade com índices de uma aceleração, entre outros – como uma tentativa de enfatizar a entrada do mundo ocidental em uma nova ordem cultural, política e social em meados dos anos 1970. As novas nomenclaturas buscavam, assim, explicitar uma descontinuidade (ou, para os mais radicais, uma ruptura) da época vigente com a modernidade de outrora.

A este ponto, faz-se necessário esclarecer que não há um consenso entre os autores sobre a cisão com a modernidade: alguns defendem que o mundo contemporâneo experienciou um rompimento total com os modos de vida modernos, enquanto outros¹⁰ compreendem apenas uma descontinuidade nos mesmos. Entre aqueles que concordam com tal ruptura, não há pleno entendimento a respeito da terminologia a ser empregada; os muitos nomes são utilizados de acordo com o que cada autor privilegia. Trazendo complexidade ao debate, ainda há aqueles¹¹ que defendem a superação não somente da modernidade, mas também do período posterior a ela: para estes, o mundo estaria, atualmente, em um momento ainda não nomeado.

Para além das discordâncias, estudiosos são uníssonos ao observarem uma mudança relevante na forma de organização das sociedades a partir de determinado momento histórico. O primado da razão e do controle passa a ser questionado, em um movimento marcado pela desilusão ligada às promessas modernas de progresso. O desencantamento com os ideais e leis coletivas traz à tona o *indivíduo*, que passa a ter lugar central no imaginário coletivo. “O estilo de vida [...] passa a ser o do questionamento de qualquer controle” de maneira que, no mundo contemporâneo, o desejo passa a ser o “[...] grande motor da vida” (GIOVANETTI, 2017, p. 93-94).

¹⁰ Como Zygmunt Bauman, que, em entrevista concedida à *Folha de S. Paulo*, afirmou: “‘Pós-modernidade’ foi temporariamente útil para mim como uma espécie de conceito ‘improvisado’ [...] sugeriria, erradamente, que a modernidade ‘terminou’ e já estamos em outra era [...] O conceito de ‘modernidade líquida’ evita esse último erro [...]” (Bauman, 2007).

¹¹ Carlos Bordoní, por exemplo, defende que “[...] o pós-modernismo acabou; ele completou sua tarefa de barqueiro da modernidade para o presente, um presente até agora não nomeado” (Bauman; Bordoní, 2016, p. 99).

Tais fenômenos acontecem em meio ao acirramento vertiginoso de um aspecto estrutural e estruturante desta sociedade: o modo de produção capitalista. Apesar de compreendido como um sistema econômico, não restam dúvidas de que o capitalismo não se limita ao campo da economia, influenciando diretamente as relações do ser humano com os seus pares, com o seu mundo e consigo próprio.

A vastidão e complexidade nas discussões ao redor desta temática não poderão ser contempladas neste breve recorte. Ainda assim, considera-se fundamental a exposição de alguns de seus elementos-chave, a fim de viabilizar a compreensão de quem acompanha esta leitura. Entende-se, aqui, o capitalismo como um sistema econômico que visa à acumulação de bens e de capital, baseado na propriedade privada dos meios de produção.

Em *Capitalismo histórico e civilização capitalista*, o sociólogo estadunidense Immanuel Wallerstein afirma: “A palavra capitalismo vem de capital. É legítimo, pois, presumir que o capital seja o elemento-chave do capitalismo” (2001, p. 9). Em seguida, ressalta que o capitalismo corresponde a:

[...] atividades produtivas cujo objetivo econômico tem sido a acumulação incessante de capital; esta acumulação é a “lei” que tem governado a atividade econômica fundamental, ou tem prevalecido nela. É o sistema social no qual aqueles que operaram segundo estas regras produziram um impacto tão grande sobre o conjunto que acabaram criando condições às quais os outros foram forçados a se adaptar ou cujas consequências passaram a sofrer. (WALLERSTEIN, 2001, p. 14).

Preconizando a obtenção máxima de lucro, o sistema capitalista estimula a produtividade e o consumo exacerbado, naturalizando relações marcadas pela efemeridade e obsolescência. Os entes tornam-se descartáveis, podendo ser substituídos por artefatos mais novos e, portanto, mais atrativos. Símbolo de uma época, a *Apple Inc.*¹² promove lançamentos que inundam os desejos coletivos, em um ciclo que se renova constantemente. Não há como alcançar o patamar “ideal” de forma permanente – há sempre um porvir, um “sonho de consumo” ainda não realizado. Neste sentido, a insatisfação é motor potente para a lógica capitalista, dado que é a partir dela que o consumo discricionário se sustenta.

¹² Empresa responsável pela execução e comercialização de uma famosa linha de *smartphones* e outros *gadgets*.

Pacheco Filho destaca que, inseridos em uma lógica capitalista, os indivíduos são apresentados à importância do sucesso individual, advindo, principalmente, do acúmulo de capital material. “Neste sentido, mais do que se incentivarem os sujeitos à busca de objetivos de interesse comum, o que se procura é atá-lo ao valor do sucesso individual” (PACHECO FILHO, 2005, n.p).

A intensidade atual da dinâmica capitalista acontece em meio a outros imperativos do período, como o avanço de tecnologias capazes de aproximar distâncias, diminuir barreiras e agilizar a disseminação de informações. Assim, observa-se uma sociedade atravessada pela

[...] globalização, as comunicações eletrônicas, a mobilidade, a flexibilidade, a fluidez, a relativização, os pequenos relatos, a fragmentação, as rupturas de fronteiras e barreiras, as fusões, o curto prazo, o imediatismo, a descentralização e extraterritorialidade do poder, a imprevisibilidade e o consumo. (NICOLACI-DA-COSTA, 2004, p. 83).

Como não poderia deixar de ser, parecem existir dois lados de uma mesma moeda. A velocidade e a amplitude das redes globais de fato possibilitaram importantes avanços em termos da difusão de conhecimentos, do alcance de informações e do desenvolvimento de novas tecnologias – inclusive as voltadas para o cuidado. Em uma sociedade pandêmica¹³, a rapidez na produção de vacinas ou a possibilidade de interações a distância, por meio de ferramentas tecnológicas, certamente mostram-se de extrema valia.

Não há, porém, como ignorar a outra face destas convocações históricas. Afinal, quais são as consequências de um mundo que tem pressa e que observa a sucessiva queda de barreiras e limites antes intransponíveis? De que modo as feições atuais atravessam o viver humano? Estas e outras provocações serão apresentadas a seguir, a partir dos escritos de relevantes estudiosos sobre essa temática.

2.2 Reflexões sobre o mundo contemporâneo: Chul-Han, Safatle, Junior & Dunker, Ehrenberg e Bauman

A radicalização dos imperativos capitalistas de produtividade, eficiência e consumo é observada nos apontamentos do livro *A sociedade do cansaço*, de Byung Chul-Han (2015). O autor destaca que, diferentemente da “Sociedade Disciplinar” proposta por Foucault, vive-se atualmente no que denomina “Sociedade do Cansaço”, ou “Sociedade

¹³ Referência à pandemia por Covid-19 que mobilizou o mundo nos anos de 2020, 2021.

do Desempenho”. Se antes marcada pela presença de hospitais, presídios, quartéis e fábricas, hoje percebe-se um mundo massivamente permeado por academias, *shoppings*, aeroportos e escritórios. Os muros do passado dão o tom de uma sociedade proibitiva, que encontrava no Outro o seu algoz. O olhar vigilante da lei e dos mandamentos estreitava a liberdade dos indivíduos, fazendo-os disciplinados e obedientes aos imperativos colocados pelo mundo.

O desejo por maximizar a produção, porém, implicou em uma mudança da sociedade *disciplinar* para a do *desempenho*. Chul-Han explica que a dinâmica proibitiva da primeira logo se mostrou ineficiente para o aumento da produtividade, justamente pelo seu “efeito de bloqueio”, que impede “um maior crescimento” (CHUL-HAN, 2015, p. 25). Descobriu-se que as pessoas, instigadas a sempre conseguir mais e melhor, não mediriam esforços para alcançar o “sucesso” individual – lógica que se mostrou mais eficiente em termos de performance. Desta forma, o sistema dominante atual não é explicitamente repressivo, mas sedutor (CHUL-HAN, 2021).

Vale notar que a mudança paradigmática da *disciplina* para o *desempenho* não implica em desordem e caos. Contrariamente: “O sujeito de desempenho continua disciplinado” (CHUL-HAN, 2015, p. 25). A diferença está na forma de disciplina deste indivíduo, que passa a tomar para si o controle. Ele se autorregula. Não há mais a necessidade de muros de contenção ou olhos de sentinela, pois criou-se a sociedade da autoavaliação e da métrica permanente. Ao imputar a ideia meritocrática do “seja seu próprio chefe; você também consegue ser milionário”, individualiza-se o esforço e o resultado. Assim, “[...] o explorador é ao mesmo tempo o explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos”, pois “[...] o sujeito do desempenho se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho” (CHUL-HAN, 2019, p. 29-30).

Esta “hipertrofia da ação individual”¹⁴ é discutida em outras produções, como as que resultam no livro “Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico”, que conta com a organização de Vladimir Safatle, Nelson Junior e Christian Dunker (2020). Os

¹⁴ Expressão utilizada no texto “O sujeito e a ordem do mercado: gênese teórica do neoliberalismo”, que compõe o livro “Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico”, 2020, p. 48.

escritos têm como objetivo discutir o neoliberalismo não somente como uma teoria econômica, mas como gestor e produtor de sofrimentos.

Desenvolvido entre 1930 e 1970, o neoliberalismo surge como uma resposta a questões e crises sistêmicas do capitalismo de então. A doutrina advoga a favor da maior autonomia dos cidadãos, com políticas que reforçam o papel do setor privado na economia. Sua influência, porém, não se limitaria a este aspecto. Segundo Safatle, Junior e Dunker (2020, p. 48), ao serem convertidos em capital pela lógica neoliberal:

[...] os sujeitos passam a se compreender como empresas submetidas à insegurança típica da dinâmica dos mercados. Em uma sociedade competitiva, os indivíduos comparam e hierarquizam constantemente coisas e pessoas, sendo eles mesmos passíveis de (des)classificação a todo momento.

Se antes compreendido como uma barreira para a produção e para o desenvolvimento econômico, o sofrimento passa a ser visto como ferramenta que otimiza a produtividade e o lucro. Convencido de que é “dono de si” e “gestor da própria vida”, o indivíduo atual norteia-se pelo lema “querer é poder, basta se esforçar”. Esta lógica, perversa, esconde o aprisionamento ao disfarçá-lo de liberdade. Não por acaso, lembram os autores, observa-se uma sociedade que incentiva o uso de fármacos não mais por suas propriedades medicinais, mas como ferramentas à mão para o aumento da performance individual.

O sociólogo francês Alain Ehrenberg (2004, 2010) dá subsídios para reflexões como essas ao refletir sobre as formas de viver da época contemporânea. O autor discorre sobre uma transformação no princípio norteador desta sociedade, que se movimenta da disciplina para a autonomia:

Do ponto de vista sociológico, [...] há uma transformação de grande amplitude da normatividade social: a passagem de uma sociedade que se refere à disciplina (interdição, obediência, autoridade, etc.) para uma sociedade que se encontra sob o primado da autonomia. (EHRENBURG, 2004, p. 4).

Ehrenberg (2010) tece considerações sobre as mudanças nos valores e nas narrativas da sociedade com a emergência do neoliberalismo, analisando, para tanto, aspectos do discurso empresarial, esportivo e do consumo. O autor apresenta três importantes elementos que compõem a cena contemporânea: a atribuição do esporte como metáfora para a vida e para o trabalho, a valorização do empreendedor como herói e a crença no consumo como caminho para a realização pessoal. Segundo ele, observa-se, atualmente, a propagação da ideia de que, independentemente do ponto de partida,

todos podem alcançar o “pódio”, o “sucesso”. Para tanto, cada pessoa deve se “esforçar” em um movimento de hiperindividualismo e culto à performance.

Esta narrativa multiplica o “[...] indivíduo heroico que assume riscos, em vez de buscar proteger-se deles por meio das instituições do Estado-providência” (EHRENBERG, 2010, p. 25). Não à toa percebe-se a valorização do empreendedor, alçado à categoria de herói por, de maneira análoga ao discurso esportivo, “[...] exercer o poder fundado sobre a estimulação da autonomia” (EHRENBERG, 2010, p. 79). Cabe ao trabalhador – e ao ídolo esportista – o cumprimento de metas, objetivos e o sucessivo alcance da “vitória”.

Mandamentos empresariais como “dedicação”, “empenho” e “motivação” tornam-se norteadores não somente de ambientes laborais, mas da vida como um todo. Nota-se, afinal, uma ideologia que diminui a importância da ação das estruturas e dos eventos coletivos, colocando no indivíduo a responsabilidade por suas ações e conquistas.

Fazendo coro a esses escritos, Zigmunt Bauman destaca o colapso do Estado como organizador de mundo, fato que promoveria um deslocamento de responsabilidade das esferas coletivas para as individuais, em um movimento de “privatização dos problemas” (FRIDMAN, 2014). Bauman explicita a liquidez dos novos tempos, em contraposição ao “peso” que a modernidade clássica carregava. Esta é, inclusive, uma das marcas do autor, mundialmente conhecido pela cunhagem do termo “modernidade líquida” para caracterizar a sociedade atual.

Bauman (2001) destaca que a velocidade e a flexibilidade dos tempos atuais demandam que os indivíduos estejam sempre atentos às mudanças e convocações deste mundo, que escorre pelas mãos. A conformidade e a obediência aos imperativos mundanos, antes alcançada por meio de pressão coercitiva, atualmente se revestem de uma roupagem de liberdade, o que encobre a “força externa” presente neste cenário.

2.3 Hipertrofia da individualidade

A este ponto, nota-se um interessante aspecto citado por estes autores: A supervalorização da ação individual no mundo contemporâneo. Ainda que de formas distintas, todos discutem as narrativas atuais, identificando uma corriqueira associação entre o esforço individual e a obtenção de uma vida de “sucesso”. De maneira análoga, a

não conformidade aos parâmetros desta “boa vida” são geralmente sentidos como fracassos pessoais, que podem – e devem – ser convertidos a partir de certo empenho. A “democratização” de informações e experiências, assim como a “facilidade” de acesso a determinadas ferramentas, intensificam o peso atribuído ao aperfeiçoamento de cada indivíduo, que se torna uma espécie de empresário de si mesmo. Percebe-se, afinal, a enorme propensão a explicações individualistas – tanto para a felicidade quanto para o sofrimento.

A perversidade desta lógica também está em seu encobrimento. Ludibriadas por esta roupagem de “liberdade”, pessoas tendem a acreditar que estão seguindo os próprios desejos e aspirações, ignorando a sobrecarga presente nestas tramas. As noites em claro no escritório ou as dores de uma cirurgia plástica são sentidas como “parte do jogo”, e são valorizadas socialmente: “menino trabalhador”; “esta é merecedora”; “está linda assim porque se cuida” são exemplos de diálogos cotidianos de uma sociedade que ignora os limites e deslegitima os sofrimentos.

Se “[...] cada época solicita, favorece e dá oportunidade aos homens a realizarem algumas das possibilidades do existir, assim como dificulta ou até impede outras possibilidades” (CARDINALLI, 2020, p. 115), não seria exagero apontar, na sociedade contemporânea, a prevalência de pessoas com acentuada dificuldade para a compreensão das próprias limitações, cujos esforços resultam em uma autoexploração indiscriminada – e até mesmo violenta.

Tais constatações serão fundamentais para as reflexões desta dissertação, justamente por clarificarem os imperativos deste mundo – que inevitavelmente atravessam o viver desta época. No próximo capítulo, serão apresentadas as contribuições de Martin Heidegger sobre o mundo contemporâneo, que solidificarão as discussões finais desta pesquisa.

3. O PENSAMENTO DE MARTIN HEIDEGGER

Os cientistas dizem que os humanos são feitos de átomos, mas a mim um passarinho contou que somos feitos de histórias.

(Eduardo Galeano, 2013)

Neste capítulo será desenvolvida uma introdução ao pensamento fenomenológico-existencial de Martin Heidegger (1889-1976), de modo a fundamentar a discussão posterior sobre a experiência estética das mulheres no mundo contemporâneo. No contexto das produções heideggerianas, serão contemplados dois momentos da sua obra: os escritos até 1930 e os que datam de um período posterior a este marco. *Ser e Tempo* (1927/2015), principal produção do filósofo em sua primeira fase, mostra uma investigação sobre o sentido do *ser*, direcionada, inicialmente, ao existir-humano. Após 1930, Heidegger realiza uma viragem em seu pensamento, reposicionando os seus esforços para o esclarecimento da *História do Ser*.

Como será visto, a empreitada heideggeriana se diferencia das reflexões e determinações propostas pela tradição que a precede. Para maior compreensão sobre suas construções, vale uma digressão.

Intrigados com a ausência de uma compreensão *una* sobre o *ser*, filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles iniciam uma jornada para responder a tal problemática, em uma busca por compreender “[...] o que dá consistência ao real, ou seja, aquilo que faz do real o que ele próprio é” (MICHELAZZO, 2003, p. 10). Para estes pensadores, mundo é concebido a partir de uma lógica dualista, que separa a dimensão nomeada por Platão como “sensível” – que diz respeito ao presente, ao concreto – em contraposição ao “supra-sensível” – relacionado à *ideia* dos entes, à dimensão abrigada pelo pensamento.

O esforço destes estudiosos para a representação da realidade estrutura o que chamamos de Metafísica. De origem grega, a palavra “metafísica” se origina dos verbetes *μετά* (*metà*) e *Φύσις* (*physis*), cujos significados são “além de” e “físico”, respectivamente. Michellazo (2003, p. 10) questiona: “Qual o caráter mais significativo deste modo de pensar? [...]. O que fica patente é essa preocupação [...] de buscar a ‘permanência das coisas’ [...] aquilo que fica fora do fluxo da impermanência do real”.

O modo grego de pensar o mundo está habituado a perguntar “o que é” quando deseja compreender o *ser* de algum ente, partindo do pressuposto de que esta é a maneira correta e normativa de alcançar a verdade sobre determinado fenômeno. Porém, esta pergunta contém em si a busca por uma delimitação, a conquista de uma definição que responda a este questionamento. Ela considera possível encapsular aquilo que é, como se o *ser* fosse passível de uma determinação una e atemporal. Interessa ao pensamento metafísico encontrar uma determinada qualidade que permaneça sempre disponível quando o ente for analisado. Dado que o *concreto* inevitavelmente sofre com as vicissitudes do real (enquanto o *conceito* se mantém íntegro e eterno), percebe-se a paulatina valorização pelos traços “além do físico” em nossa tradição.

A palavra *paulatinamente* não é utilizada sem propósito. Procuramos, a partir dela, evidenciar o caráter processual deste modo de pensar, que se radicaliza com o passar do tempo. No início da modernidade, por exemplo, René Descartes (1596-1650) apresenta a ideia de *cógitio*, a partir da qual o ser humano passa a ser determinado como um sujeito dotado de razão. O modelo metodológico cartesiano prevê a observação, mensuração, classificação e verificabilidade como procedimentos que garantiriam o controle sobre a verdade dos fenômenos. Posteriormente, observa-se o desenvolvimento de uma corrente filosófica alicerçada na racionalidade humana, o Positivismo. Como resposta a instabilidades do período histórico, este pensamento postula a importância do progresso científico, em uma busca por mensurar e controlar os fenômenos aos quais os seres humanos estão submetidos.

Assim, instaura-se na tradição ocidental o que Heidegger chama de “esquecimento do ser”: a busca pelo constante e pelo imutável acaba por determinar a alienação do ser humano em relação à sua condição originária, que pressupõe justamente a impermanência, o dinamismo e o movimento. Ao ver-se hegemônica, a *ideia* torna-se a interpretação normativa do ser. As generalizações e abstrações propostas por este pensamento, porém, mostram-se insuficientes para a leitura da experiência humana tal como ela se dá (YAMAGUTI, 2015).

É a partir desta compreensão que Heidegger procura responder a questão sobre o sentido do *ser*.

3.1 *Ser e Tempo*: alguns destaques

*O senhor mire e veja: o mais importante e bonito do mundo é isto:
que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas
- mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam, verdade
maior. É o que a vida me ensinou*

(Guimarães Rosa, 1986)

Ser e Tempo marca a fundação da empreitada heideggeriana em direção ao real sentido do *ser*. O filósofo propõe que sua análise deve ter como foco inicial o *ser do ser humano*, pois este é o único ente capaz de se perguntar – e, portanto, de responder a este questionamento. Diferenciando-se da tradição, Heidegger utiliza uma terminologia que evidencia a especificidade de sua compreensão: o que chamamos ser do homem (ou ser do ser-humano) é compreendido por Heidegger como *Dasein*, termo alemão comumente traduzido como *ser-aí*.

Ao renunciar a palavra *homem* para indicar o ente que cada um de nós é, Heidegger suspende as concepções preestabelecidas que este termo carrega (CASANOVA, 2015). É a partir desta designação que o filósofo inicia a *analítica do ser-aí*, buscando esclarecer os fundamentos e condições pelas quais o *ser* acontece, isto é, o esclarecimento de sua ontologia fundamental.

Utilizando a expressão *Dasein*, Heidegger rompe com a narrativa vigente, vislumbrando o ser humano não como sujeito, mas como ente que existe. Segundo o filósofo, *Dasein* faz referência a um ente marcado pelo caráter de poder-ser, ontologicamente aberto às possibilidades do seu existir. Estas possibilidades nunca se apresentam de forma definitiva e definitória, de modo que o *Dasein* não é compreendido a partir de uma determinação essencial ou de uma direção estrutural – ao contrário, o seu *ser* é marcado pela indeterminação e negatividade¹⁵.

Para Heidegger:

O *Dasein* humano é um ente que não possui nenhuma determinação quiditativa. Ele não possui em si mesmo uma razão, um corpo, uma alma ou um conjunto de faculdades. Ao contrário, tudo aquilo que ele é só se determina a partir do estabelecimento existencial de um de seus modos possíveis de ser. (CASANOVA, 2012, s/p).

¹⁵ Negatividade, aqui, diz respeito ao caráter negativo da existência, ao pressuposto de não preenchimento, de não determinação, de incompletude.

Ao postular que o *Dasein* não possui uma essência preestabelecida, a fenomenologia compreende a transitoriedade do *ser*, que tem o seu sentido desvelado na própria existência. O ser humano, portanto, nunca é algo acabado, mas está sempre “se conquistando”. Isto significa uma ruptura com a lógica estática da metafísica, que apreende o *ser* como um fundamento atemporal. Para Heidegger, qualquer compreensão sobre o *ser*, necessariamente, desdobra-se em um determinado contexto, em um determinado tempo. Daí *Ser e Tempo*: Ser é tempo. *Dasein* é temporal.

Como visto, este poder-ser pressupõe uma abertura ontológica – abertura esta que se dá em um horizonte, em um campo de manifestação, algo que denominamos *mundo*. Porém, Heidegger não compreende mundo como um espaço geográfico previamente colocado, mas como uma totalidade significativa que convoca o *Dasein* – e é convocada por ele. Enredado neste mundo, o *Dasein* já sempre *ek-siste*, ou seja, existe para fora, lançado em um movimento de entrelaçamento e unidade. O que importa aqui é marcar que o *Dasein* é circunscrito por sua condição de ser-no-mundo: não há como conceber a existência de um sem o outro. Na fenomenologia, não se separa ser humano de mundo. Heidegger explica:

A expressão composta ‘ser-no-mundo’, já na sua cunhagem, mostra que pretende referir-se a um fenômeno de unidade. Deve-se considerar este primeiro achado em seu todo. A impossibilidade de dissolvê-la em elementos, que podem ser posteriormente compostos, não exclui a multiplicidade de momentos estruturais que compõem esta constituição. (HEIDEGGER, 2015, p. 98-99).

A existência, assim, já se dá junto às coisas, estando o *Dasein* sempre em relação – seja consigo mesmo, com o mundo, ou com os demais entes. Deste modo, “[...] o mundo é sempre o mundo com os outros. O mundo da presença¹⁶ é mundo compartilhado” (HEIDEGGER, 2015, p. 175). Neste trecho, o filósofo destaca o caráter de *ser-com* do *Dasein*, cuja existência sempre entrelaça a dos outros e estabelece com eles uma relação de solicitude e construção – mesmo na ausência. Isto fica patente em épocas de isolamento social, por exemplo: ainda que distante, o outro me convoca e me afeta, participando de minhas tramas de sentido existenciais.

Este estar-no-mundo-junto-aos-outros acontece, sempre, de forma interpretativa. A existência humana não é algo simplesmente dado, mas algo que está sempre se

¹⁶ Em sua tradução de *Ser e Tempo* (2015), *presença* é o termo utilizado por Marcia de Sá para se referir ao *Dasein*.

realizando numa determinada direção, o que Heidegger denomina de existencial¹⁷ de *compreensão*. Compreensão não significa, aqui, um entendimento rígido, racional ou acadêmico de algo, mas a possibilidade de alcançar as tramas tecidas no mundo (CRITELLI, 2007). Interessante notar que, cada vez que se compreende algo, um horizonte se amplia. Assim, o *Dasein* não se relaciona com uma cadeira como um mero objeto sem significado, mas estabelece junto a ela uma compreensão. O ente que vem de encontro ao *Dasein* sempre se mostra a partir de alguma interpretação, sendo esta *uma* das suas (inúmeras) possibilidades de realização. Assim, a cadeira pode se mostrar como uma peça de mobília em seu uso mais comum, mas também pode aparecer como um brinquedo – ou como uma arma.

Esta compreensão, por sua vez, apresenta-se junto a algum sentimento (SAPIENZA, 2007), sendo afinada afetivamente através do existencial da *disposição* – cotidianamente entendida como “humor”. Conforme Heidegger (2015, p. 193): “O que indicamos ontologicamente com o termo *disposição* é, ônticamente, o mais conhecido e o mais cotidiano, a ser, o humor, o estar afinado num humor”. O mundo já sempre chega ao *Dasein*, que corresponde a isto a partir de uma tonalidade afetiva, isto é, a partir de determinado estado de ânimo, podendo sentir apatia ou entusiasmo ao estabelecer relação com a totalidade significativa com a qual lida.

A compreensão e a disposição, por fim, se manifestam na *fala*¹⁸. Nas palavras de Heidegger (2015, p. 224): “A compreensibilidade do ser-no-mundo, trabalhada por uma disposição, *pronuncia-se como fala*”. É a partir dela que o *Dasein* se pronuncia – não porque é um ente fechado em si mesmo que precisa reportar a um mundo exterior, mas porque já é ser-no-mundo e, portanto, já se põe em jogo junto aos outros por meio da linguagem. Assim, as línguas dos povos, os pronunciamentos, as perguntas – e até mesmo o silêncio – são possibilidades que surgem a partir deste existencial¹⁹.

Todas estas possibilidades de realização do *Dasein* no mundo, porém, encerram-se com a morte – e o *Dasein* sabe disso. Enquanto vivos, somos abertura e poder ser, mas esse horizonte aberto da existência mostra que, apesar de todas as incertezas do futuro,

¹⁷ Vocábulo utilizado para se referir às estruturas que constituem o *ser* do *Dasein*.

¹⁸ Ou *discurso*, a depender da tradução.

¹⁹ Vale destacar que os três existenciais apresentados – compreensão, disposição e fala – são dimensões da abertura do *Dasein*.

apenas uma coisa (ainda que imprevisível) é certa: a finitude. Justamente por *ser* no tempo, o *Dasein* pode se dar conta da sua temporalidade – entendendo-se como finito. Vale notar que a potência da morte não está em sua concretização, mas em sua possibilidade, de maneira que o *Dasein* se define tanto pela sua presença no mundo quanto pelo fim dela, sendo radicalmente marcado por esta condição de ser-para-a-morte.

Por sua indeterminação originária, e diferentemente de todos os entes intramundanos, o *Dasein* é convocado a solucionar a questão do próprio existir. A condição de ter-que-ser-alguma-coisa em um tempo finito, sem o direcionamento de um projeto preestabelecido, desvela que ele está condenado a cuidar da sua existência, em uma tarefa intransponível e intransferível. Ao desvelar a possibilidade de o *Dasein* não mais ser, a finitude atribui um peso às suas escolhas na medida em que o faz perceber os limites de sua existência. Esta compreensão pode despertar uma tonalidade afetiva preciosa ao pensamento heideggeriano: a angústia.

Tal tonalidade não é compreendida como sintoma patológico, mas como estado da existência humana que aproxima o *Dasein* de sua indigência (CARDINALLI, 2015). Ela convida o *Dasein* a questionar-se sobre a própria existência – e cabe a ele responder ou não a este chamado (YAMAGUTI, 2015). Ao fazê-lo, a angústia abre espaço para a reflexão sobre a direção do ser, na medida em que coloca em suspenso os imperativos mundanos: “Eu estou sendo minhas possibilidades mais próprias? O que eu estou vivendo é realmente digno do meu existir?” É na angústia que se libera o poder-ser mais próprio do *Dasein* – denominado “propriedade” –, pois é a partir dela que ele poderá, de fato, colocar em jogo o sentido²⁰ de sua existência e apropriar-se de uma vivência mais autêntica.

Ao revelar a impossibilidade de o *Dasein* vivenciar todas as suas possibilidades de ser-no-mundo, outra tonalidade afetiva fundamental pode emergir: a culpa²¹. Diferentemente de seu uso cotidiano, o termo designado por Heidegger é utilizado para

²⁰ Por *sentido*, entende-se: “[...] uma totalidade significativa específica, que sustenta, ao mesmo tempo, uma dada compreensão de si, do outro e do mundo. O sentido orienta não somente as escolhas, mas também como a pessoa vivencia as situações específicas de sua vida, não aparecendo em geral de modo explícito no viver, mas se revela pela maneira como alguém se relaciona consigo mesmo, com os outros e o mundo em que vive” (CARDINALLI, 2015, p. 251).

²¹ Marcia de Sá, tradutora da edição de *Ser e Tempo* (2015) utilizada nesta dissertação, emprega o termo dívida para referir-se à palavra culpa.

falar sobre a inviabilidade de o ser humano ser plenamente si-mesmo, estando sempre em “débito”: ao escolher investir em determinado caminho, inúmeras outras possibilidades são, inevitavelmente, deixadas de lado. Ainda que o caráter de abertura se mantenha, ou seja, ainda que o *Dasein* possa mudar os rumos do seu projeto de vida, sempre haverá algo não experienciado.

A angústia e a culpa desvelam certa estranheza, um sentimento de ausência do que é familiar. Desabrigado da mediania do cotidiano, de início e na maioria das vezes o *Dasein* encontra rotas de fuga destas tonalidades afetivas (NUNES, 2002). Por isso, além da *propriedade*, isto é, a forma na qual o *Dasein* mergulha na dimensão mais profunda de seu ser, procurando conhecer aquilo que lhe é mais autêntico, ele pode experienciar outra modulação de cuidado consigo e com sua existência: a *impropriedade*. O *Dasein* encontra na impropriedade a possibilidade de desresponsabilizar-se, experienciando o que já foi decidido e determinado pelo mundo e pelos outros.

Heidegger, porém, não atribui conotações valorativas a estes modos de ser, não apresentando um julgamento maniqueísta de bom/ruim, positivo/negativo. Ao contrário. Se ontologicamente o *Dasein* se apresenta como ser-livre, lançado no mundo ôntico ele passa a desdobrar-se em um horizonte já sedimentado, compreendendo-se e relacionando-se a partir de sentidos de mundo definidos. Dito de outro modo: ainda que originariamente indeterminado, jogado no mundo fático o *Dasein* perde o seu caráter de completa indeterminação, estando, de início e na maioria das vezes, envolto e absorvido por normas e direcionamentos previamente construídos. Nas palavras de Heidegger (2015, p. 58):

Em cada um dos seus modos de ser e, por conseguinte, também em sua compreensão de ser, o *Dasein* sempre já nasceu e cresceu dentro de uma interpretação de si mesmo, herdada da tradição. De certo modo e em certa medida, o *Dasein* se compreende a si mesmo de imediato a partir da tradição. Essa compreensão lhe abre e regula as possibilidades de seu ser.

Cardinalli (2020) comenta que esta maneira cotidiana como o *Dasein* se relaciona com os outros é denominada *Impessoal*. O impessoal mantém a sua primazia ao assegurar a ordem do mundo, oferecendo senso de confiabilidade e funcionando como apaziguador das angústias do *Dasein* frente a sua indeterminação. O impessoal camufla a negatividade do *Dasein* justamente por distraí-lo de sua nadaidade estrutural. Esta absorção radical em uma semântica cotidiana ocorre, assim, como uma tentativa de mitigar o incômodo de

encontrar-se jogado na existência sem garantias - ter de ser responsável por ela (SAPIENZA, 2007).

O que interessa, neste momento, é sublinhar o caráter ambíguo que o impessoal apresenta: se por um lado ele apazigua, sendo um importante mecanismo de sustentação da existência ao permitir o pertencimento e o compartilhamento, por outro ele distancia o *Dasein* de si mesmo, que enredado nesta medianidade, desresponsabiliza-se por seu existir.

3.2 A viragem (*Kehre*): de ser e tempo para tempo e ser

Há no caminhar um descaminho

(Hilda Hilst, 2017)

Como abordado no tópico anterior, a pergunta sobre o sentido do *ser* buscou respostas, em *Ser e Tempo*, através de uma analítica existencial, que se debruça sobre as estruturas da existência de um ente privilegiado. Nesta obra, Heidegger propõe que a análise dos existenciais do *Dasein* seria uma via de acesso ao sentido do *ser* (CASANOVA, 2012, p. 149). O autor pondera sobre a angústia, descrevendo-a como uma tonalidade afetiva capaz de provocar uma crise no *Dasein*, na medida em que promove a suspensão de imperativos mundanos em direção a uma existência mais autêntica. Esta crise ofereceria a possibilidade de mudanças não somente no sentido de sua existência singular, como nas estruturas do mundo.

Com o decorrer de seu pensamento, porém, o filósofo compreende as limitações de tal projeto:

Há algo de inconsistente no projeto mesmo [...] da reinterpretação histórica da vida por meio das crises do ser-af humano enquanto ente dotado de um primado ôntico-ontológico, algo que não pode ser corrigido por nenhuma reformulação pura e simples. (CASANOVA, 2012, p. 148).

Assim, a chamada *viragem* – que esclareceremos a seguir - não trata de uma “mudança de caminho” planejada, mas de algo que se impôs ao filósofo com o desenvolver de sua compreensão.

Heidegger sinaliza que sim, é possível ao *Dasein* se apropriar de uma trama de sentidos mais clara para o seu existir, a ponto de mudanças singulares ocorrerem em sua vida fática. Entretanto, nas palavras de Casanova (2012, p. 144), o singular:

[...] nunca está em condições senão de transformar pequenas dimensões da realidade e alterar certos conjuntos de comportamentos dos seres-aí em geral. É natural pensar que alguém que convive com um homem como Picasso ou Modigliani se sinta obrigado a mudar o seu modo de se postar em relação às cores, à arte e mesmo ao trabalho em geral. Todavia, não há como pensar que tal convivência viesse a produzir uma transformação de todos os comportamentos sedimentados em geral, uma transformação capaz de restituir a unidade do mundo.

Assim, o filósofo deixa de considerar a dinâmica do *Dasein* como base para o acontecimento do mundo, notando que o sentido do *ser* não pode ser alcançado sob a mediação de um ente (BRITO, 2015). A ênfase colocada sobre o *Dasein* é, então, revista – o que não significa dizer que as considerações tecidas em *Ser e Tempo* perdem o seu valor, ou que o *Dasein* deixa de ser um ente relevante para as tramas de mundo. Porém, de acordo com Brito (2015, p. 78):

No centro desse impasse, se assim podemos designá-lo, está a necessária exploração da temporalidade, horizonte de compreensão do ser. De início, o projeto girava em torno do sentido, logo se chegou ao entendimento de que todo sentido recai na dimensão temporal, portanto, agora, trata-se de determinar o significado desta temporalidade [...]

Ocorre, desta forma, uma mudança sobre o lugar da verdade (*Aletheia*), que se desloca do *Dasein* para a época. Esta mudança marca a *viragem* (*Kehre*), ou seja, a transição do chamado *primeiro* para o *segundo* Heidegger – ou de *Ser e Tempo* para *Tempo e Ser*. Nesta transição, o autor se propõe a enraizar as compreensões fenomenológicas de *Ser e Tempo* em um solo ainda mais inicial, não mais se ocupando em realizar uma analítica do *Dasein*, mas sim uma investigação *histórica* do ser – utilizando-se, para tanto, a noção de *Ereignis*²² ou *acontecimento apropriador*.

Neste momento, fazem-se necessários alguns esclarecimentos. *Verdade*, para Heidegger, “[...] deve ser pensada como um acontecimento e não como um estado de adequação” (FIGUEIREDO, 1994, p. 105). Isto significa dizer que o filósofo rompe com a noção de *verdade* proposta pela metafísica, entendida como certeza e exatidão, e propõe *verdade* como desvelamento, desvelamento este que se dá no tempo, sinalizando a impossibilidade de sua apreensão estática. Para o pensamento heideggeriano, falar sobre *Aletheia* é compreender a efemeridade de seu movimento: mesmo que algo se desvele, ainda há algo que se mantém oculto. “O ocultar-se, o velamento, a *Léthe*, faz parte da A-

²² *Ereignis* faz referência ao desvelamento da verdade histórica dos fenômenos (HEIDEGGER, 1935/2015).

létheia, não como um puro acréscimo, não como a sombra faz parte da luz, mas como o coração da Alétheia” (HEIDEGGER, 1999, p. 278).

A noção de *História*, por sua vez, também deve ser olhada a partir de um outro prisma compreensivo. Para Heidegger, *História* não faz referência ao encadeamento de fatos em um determinado período, mas sim:

[...] como horizonte de constituição de certos acontecimentos, intrinsecamente articulados, com possibilidades fundamentais retidas naquilo que um dia se deu de modo tão essencial que nunca chegou efetivamente a se perder no passado e que sempre continua viabilizado a cada vez no instante uma decisão quanto ao modo de ser daquilo que está por vir. (CASANOVA, 2012, p. 187-188).

Heidegger esclarece, assim, que o sentido do *Ser* possui uma destinação histórica, sendo o *Dasein* atravessado por um *sentido de época*. A relação do ser humano com o mundo se dá por meio de uma armação de sentido que não está explícita, mas que sempre está presente, de forma a estampar as possibilidades compreensivas do *Dasein*. Então, torna-se possível pensar em um projeto singular de cada ser humano, mas sempre inserido em um sentido de mundo previamente delimitado, que é histórico.

Desta forma:

Se antes o *Dasein* era autônomo e responsável pela plasticidade hermenêutica do mundo, sendo o lugar onde se dava a clareira da existência, Heidegger percebe agora que a própria história é que possui autonomia em relação ao *Dasein* e, além disso, determina todas e quaisquer possíveis significações do ser, sendo esta a clareira da existência [...]. A verdade é, portanto, histórica [...]. (YAMAGUTI, 2015, p. 73).

3.3 A Era da Técnica

*A ciência pode classificar
e nomear os órgãos de um sabiá
mas não pode medir seus encantos.
Quem acumula muita informação
perde o condão de adivinhar: divinare.
Os sabiás divinam.*

(Manoel de Barros, 2004)

A partir da compreensão de que a verdade é histórica, Heidegger se lança em meditação sobre a época atual, denominando-a de Era da Técnica.

De início, é preciso pontuar que “[...] todo o esforço de conceituação da técnica não possui uma medida técnica” (NUNES, 2012, p. 229). Com esta constatação, Nunes

esclarece que refletir sobre a *técnica*, tal como proposto por Heidegger, não significa investigá-la tecnicamente, mas sim compreendê-la a partir de sua essência, isso é, a partir de seu “modo de ser, de atuar e de perdurar” (NUNES, 2012, p. 229).

Com isso em vista, Heidegger esclarece que esta é uma época marcada pelos imperativos de dominação e de controle, e que se alicerça na previsibilidade oferecida pelo cálculo e pelo mensurável a partir da ciência positivista. Este horizonte histórico apela ao *Dasein* de tal forma, que tudo se mostra como ente a ser dominado.

A natureza aparece, nesta lógica, como um complexo de forças passível de ser manipulado, tornando-se meramente fonte de recursos: “O vento, o rio, a floresta, a terra significam reserva de energia a ser extraída, processada e consumida. Desse ponto de vista, árvore é madeira e carvão; rio é possibilidade de acionar turbinas; ponte é possibilidade de transportar mercadorias” (LEOPOLDO E SILVA, 2007, p. 369). Vistos como objetos à mão, os entes passam a ser enxergados a partir da ocupação que lhes foi designada, em uma tentativa de garantir a velocidade, a “eficiência” e a dominação – marcas inquestionáveis da contemporaneidade.

Heidegger atenta, porém, que essa compreensão de mundo traz um olhar tecnicista para o próprio ser humano. Na Era da Técnica, o *Dasein* acaba lançado para dentro deste paradigma, tornando-se, como os demais entes, disponível para utilização. Nas palavras de Possamai (2010, p. 21), a técnica “[..] encarnada tanto no homem quanto na máquina, é o signo atual de nossa relação com o mundo e o modo como a sociedade contemporânea se articula”.

Ao posicionar-se criticamente, Heidegger não nega a importância do pensamento técnico-científico para o desenvolvimento de conhecimentos e saberes, mas denuncia que, ao tornar-se hegemônica, atingindo todos os espaços do viver, a lógica vigente inevitavelmente estreita os campos de realização do ser humano.

Isto ocorre porque a técnica já direciona a abertura do *Dasein*, determinando o seu espaço existencial na contemporaneidade (CASANOVA, 2006). Ele passa a ser visto como matéria passível de cálculo, de modo que não somente a natureza é tida como fundo de reserva, mas também o próprio *Dasein*. Envolto nesta armação, o ser humano torna-se suscetível à exploração, à transformação e ao armazenamento. Conforme Nunes (2012),

“A técnica não é uma questão técnica e sim uma destinação historial, que reúne a Natureza e o homem, sob um mesmo apelo provocador”.

A Era da Técnica, portanto, não diz respeito a um período delimitado, mas sim a um *modo* característico que dá norte a sociedade contemporânea. Trata-se da unidade epocal que determina o ser dos entes na contemporaneidade, sentenciando o “nosso modo de ser e agir que nos caracteriza enquanto civilização. Homem e mundo passam, então, a ser compreendidos a partir da lógica da instrumentalidade”. (FEIJOO; DHEIN, 2014, p. 171)

A técnica diz ao *Dasein* o que ser - e como ser, oferecendo uma narrativa repleta de direcionamentos que reiteram a existência de um caminho “certo” para o alcance da felicidade e do sucesso. Assim, quando aplicado ao existir humano, o cálculo não tem sentido puramente matemático, mas é vivenciado como guia para o seu comportamento.

Ao estipular o “caminho das pedras”, a técnica nos distrai de nossa condição e cuida por nós; oferecendo-nos respostas pré-fabricadas, ela nos substitui em nossa tarefa de cuidado com a existência, e promove uma desenfreada e repetitiva adesão ao que se coloca no aí. É de se imaginar, por estas considerações, que ocorra um acirramento do modo de ser *impessoal* na era da técnica. Casanova aponta para:

[...] uma absorção radical do ser-aí na medida de um mundo técnico e uma transformação final de si mesmo também em fundo de reserva; essa absorção e essa transformação acabam por provocar um acirramento do modo impessoal de constituição da existência e por colocar em risco a própria ligação essencial do ser-aí como verdade do ser. (CASANOVA, 2006, p. 164).

Ocupando-se incessantemente, o *Dasein* se distancia da espera pela gestação das coisas; nesta dinâmica de maquinação, perde-se a possibilidade de encontros e relações que se constituam com mais liberdade e criatividade. Como desdobramento, nota-se uma carência do *Dasein* por identidades, por determinações (Casanova, 2013).

É neste cenário que o *Dasein* se desaproxima de si - apesar de, em geral, não se dar conta disso. Nas palavras de Ong (2015, p.73), “A técnica é o envio histórico do ser no qual estamos todos situados e apropriados, ainda que ignoremos”. Interessante notar que, mesmo que a técnica atravesse o existir humano, ela não é um fenômeno

natural ou cultural. E, ainda que o *Dasein* integre esta armação, ele não tem a possibilidade de dominá-la. Porém, como isto é possível? Clini (2016, p. 67) esclarece:

Em tudo que o homem faz ou pensa, onde quer que ele esteja e em tudo com o que se relaciona, observa-se que está imerso na técnica moderna. Isso é o que Heidegger chama de envio epocal do ser. Há uma abertura específica de cada época, uma maneira do ser se dar que tingem toda a atmosfera existente, que se espalha pelos interstícios de todo acontecer. O homem participa disso, mas não tem controle algum sobre as cores predominantes desta aquarela epocal.

Esta aquarela epocal, que contém em si o afastamento da condição de poder-ser, carrega uma ilusão: a de que seria possível driblar falhas e sofrimentos a partir da conformidade a receitas pré-fabricadas de existência. O encobrimento técnico dos entes se posiciona, assim, como uma tentativa de superar a insuportável condição de insegurança do transitório, do temporário. Este determinismo estruturante, porém, marca o esvaziamento do caráter relacional do *Dasein*, que por ser entendido como objeto-que-funciona, é levado a “[...] resultar exatamente naquilo que já se espera dele” (GLASER, 2010, p. 65). O mistério, a abertura e o desvelamento, próprios da existência, dissipam-se na previsibilidade e no controle da técnica.

Não à toa, “[...] perdeu-se de vista o *sentido* das coisas para além de sua fachada” (CLINI, 2016, p. 62). Esta compreensão será fundamental para as reflexões propostas por este trabalho sobre a vivência contemporânea do corpo feminino.

3.4 Corpo e corporeidade

Eu uso óculos desde os cinco anos de idade. Estou sempre por detrás de uma janela de vidro. Não faz mal, eu inteira sou a minha própria casa. A minha mãe também acha assim, que o corpo é casa. Habitamos com maior ou menor juízo.

(Valter Hugo Mãe, 2018)

De início, faz-se necessário esclarecer que, quando o tema é corpo, poucas são as considerações heideggerianas. Tal crítica é apresentada por Alphonse de Waelhens (1975 apud Michelazzo, 2003, p. 7) em seu texto “Uma filosofia da ambiguidade”, no qual afirma não haver nem dez linhas sobre a questão do corpo em *Ser e Tempo*.

A discussão mais abrangente sobre o tema ocorre posteriormente, entre 1959 e 1969, nos chamados Seminários de Zollikon. Realizados pelo filósofo em conjunto ao psiquiatra suíço Medard Boss, os seminários contavam com a presença de colegas e

alunos de Boss. Nas palavras de Sodelli e Teodoro (2011, p. 247): “Os principais tópicos abordados nos Seminários de Zollikon foram as possibilidades de integração da ontologia e da fenomenologia de Heidegger à teoria e práxis de medicina, psicologia, psiquiatria e psicoterapia”.

Como já descrito, o pensamento metafísico busca o acesso ao ente em seu caráter permanente, imutável – de forma que o real, perecível, assume lugar subalterno na tradição. O corpo, como se sabe, é afetado pela ação do tempo. Não há como driblar o seu caráter finito, impermanente, efêmero e mutável, estando ele sujeito a fragilidade de sua constituição. Não por acaso, a razão adquire significativa relevância no imaginário coletivo. Descartes empreende significativa influência para o *status* adquirido pelo corpo no pensamento hegemônico ocidental: ao propor a ideia de cógito, o corpo assume *status* de objeto, que então pode ser mensurado e reduzido a representações. Consolidou-se, assim, como extensão, à parte do valorizado lugar ocupado pela razão (MICHELAZZO, 2003).

Em seu projeto de *Ser e Tempo*, Heidegger institui uma crítica à lógica vigente, desenvolvendo uma ontologia fundamental que alicerça as suas reflexões posteriores sobre o corpo humano. Pompeia esclarece, de início, que a forma do *Dasein* ser-no-mundo é sendo corporal (POMPEIA, 2003, p. 30). Sobre isso, Cardinalli (2003) retoma a contribuição heideggeriana que considera corpo não apenas como mero organismo ou corpo-físico, mas como um existencial, ou seja, como uma das estruturas que constitui o *ser* do *Dasein*.

Heidegger, deste modo, ultrapassa a visão biológica de corpo, tomando-o a partir de sua perspectiva ontológico-existencial. O filósofo não nega o caráter corpóreo-bio-fisiológico do *Dasein*, mas entende que ele *é* um corpo, e não *tem* um corpo. A partir disto, Heidegger se utiliza do termo *corporeidade* para dizer da experiência corporal do *Dasein*, fazendo referência ao corpo-fenômeno :

O corpo é, em cada caso, meu corpo. [...]. O corporar do corpo [Lieben des Liebes] determina-se pelo modo do meu ser. O corporar do corpo é assim um modo do Da-sein. [...]. Por isso, o limite do corporar se modifica constantemente pela mudança do alcance de minha estada. O limite do corpo material, ao contrário, geralmente não se modifica, a não ser talvez, ao engordar ou emagrecer. Mas a magreza também não é fenômeno do corpo material, mas sim do corpo. (HEIDEGGER, 2017, p. 106).

Neste sentido, somente o *Dasein* tem a condição ontológica da corporeidade, pois nenhum outro ente é capaz de se perguntar “que corpo eu sou?”. Isto significa dizer que a experiência do corpo já se dá a partir da compreensão do *Dasein*, não havendo a possibilidade de separação entre corpo-mente-mundo proposta pela tradição. O *Dasein* experimenta a condição ontológica da corporeidade justamente porque é abertura, no sentido de que existe a partir da constante relação entre si próprio e o mundo, sendo convocado e respondendo a tais convocações.

O mundo, portanto, só pôde se consolidar como o conhecemos porque o *Dasein* o alcançou deste jeito: um girassol só é amarelo porque é visto por olhos humanos, que não têm a capacidade de enxergar a radiação ultravioleta, por exemplo. “As cores das coisas pertencem tanto aos objetos quanto aos meus olhos, mas elas não estão nem nos objetos e nem nos meus olhos. Elas estão na minha condição de *Dasein*, de ser a clareira para a manifestação da presença dos entes neste modo como eles se apresentam” (POMPEIA, 2003, p. 41).

É através do corpo-que-somos que se dá todo contato e reconhecimento do mundo. As funções biológicas ganham sentido a partir da compreensão do *Dasein*, que pode identificar afeto ou temor a partir do toque na epiderme, por exemplo. Assim, o movimento de alguém não é compreendido apenas como ação mecânica, mas como ato repleto de significados. “Então tudo o que chamamos a nossa corporeidade, até a última fibra muscular e a molécula mais oculta, faz parte essencialmente do interior do existir; não é, pois, fundamentalmente matéria inanimada [...]” (HEIDEGGER, 2017, p. 227).

Em seu projeto artístico denominado “Dicionário inventado”, a poeta Ligia Grammont (2021) escreve que o ombro, “[...] como os travesseiros, também é lugar de sonhar e de chorar”. A escritora brinca com o significado desta parte do corpo que, em nossa vivência cotidiana, não se manifesta como o indicado pela fisiologia: “Parte lateral da região escapular onde a escápula se une com a clavícula e com o úmero” (OMBRO, 2021). Em nossa existência, o ombro é espaço de afago para quem amamos ou foco de dor diante de uma lesão recente.

Corpo não é, portanto, receptáculo daquilo que o cerca, mas sim espaço de abertura e diálogo com o mundo. É exatamente por isso que uma visão física e orgânica do corpo se apresenta insuficiente. Ao trazer tal compreensão, Heidegger rompe com as

bases de saber consolidadas pela metafísica, desenvolvendo um olhar crítico ao pensamento que propõe uma separação entre sujeito-objeto e corpo-mente, compreendendo corpo enquanto tarefa que não se esgota.

4. DISCUSSÃO

*A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele.
Se acostuma para evitar feridas, sangramentos,
para esquivar-se da faca e da baioneta, para poupar o peito.
A gente se acostuma para poupar a vida que aos poucos se gasta
e, que gasta, de tanto acostumar, se perde de si mesma.*

(Marina Colasanti, 1972)

De maneira a iniciar a discussão proposta, faz-se necessário revisitar o contexto e as indagações que despertaram este trabalho. Abordar as imposições estéticas direcionadas às mulheres no mundo contemporâneo não é tarefa fácil. Parte da dificuldade reside no fato de estas imposições estarem, de início e na maioria das vezes, amplamente naturalizadas. Afinal, recentes são os questionamentos sobre a depilação feminina ou sobre os furos nas orelhas de bebês que nascem com vagina, por exemplo.

Tais debates ganharam força com o passar dos anos, evoluindo também no compasso das lutas feministas. Há tempos, mulheres e meninas acompanham a ampliação de seus direitos e possibilidades nos mais diversos âmbitos – profissional, pessoal, sexual... Claro, sempre há um recorte de raça e classe a ser feito. Ainda assim, há de se considerar que as mulheres, no mais das vezes, não ocupam os mesmos lugares de outrora.

Apesar destes avanços, a questão estética segue apresentando sinais de acirramento. Enquanto psicóloga, pesquisadora e mulher, deparo-me com a intensidade destes imperativos direcionados ao feminino contemporâneo. Ainda que este seja um tópico debatido por muitas, parece haver, na contramão, uma avalanche difícil de conter. Ainda que as mulheres percebam os aprisionamentos direcionados a elas, parece haver, na contramão, uma espessa teia que envolve e restringe as possibilidades de revisão sobre o que se coloca aí.

Tendo isto em vista – e utilizando a fenomenologia heideggeriana como referencial – esta dissertação pergunta pelo sentido deste fenômeno, isto é, direciona-se ao desvelamento das bases ontológicas que possibilitaram o *acirramento* da pressão estética direcionada às mulheres no mundo contemporâneo.

Entretanto, o que significa se perguntar sobre o sentido de algo? Como apontava Heidegger, aproximar-se de um fenômeno envolve, invariavelmente, a observação e descrição do mesmo, tal como ele se apresenta; é somente neste processo que o sentido do fenômeno pode se desvelar. Ao propor uma volta às coisas mesmas, um retorno ao ente

tal como ele se mostra a cada vez, a fenomenologia se distancia das abstrações e representações propostas pela tradição metafísica, que busca o acesso aos entes e aos fenômenos em sua permanência, em sua determinação una e atemporal.

Para o pensamento heideggeriano, buscar pelo sentido de algo significa compreender o contexto no qual determinado fenômeno pôde se dar e se sustentar. “Então, compreender o sentido de um fenômeno é, antes de tudo, olhar para o mundo de onde ele emerge e procurar entender qual horizonte hermenêutico histórico esse mundo oferece ao fenômeno” (FERREIRA, 2014, p. 89).

Assim, longe de ser uma técnica ou um punhado de *a priori* explicativos, o método fenomenológico busca a compreensão dos fenômenos em sua totalidade - o que inclui não somente uma descrição do fenômeno que se apresenta no aqui-agora, mas também o desvelamento de seu horizonte histórico. Afinal, o sentido de algo sempre se constitui *junto e a partir* das tramas de mundo, que são tecidas historicamente.

A pressão estética direcionada às mulheres, então, não será vista como uma abstração, alheia ao seu campo de aparição. Por isto, e a partir do que foi descrito até aqui, a intenção desta pesquisa é compreender o acirramento da pressão estética direcionada ao feminino contemporâneo não a partir de sofrimentos singulares, mas a partir de uma hermenêutica exploratória sobre a totalidade significativa que designamos mundo.

4.1 Fundações

Como visto no Capítulo 3, falar sobre a experiência humana implica, inevitavelmente, falar sobre finitude. Ainda assim, e mesmo que amplamente difundida, a compreensão de que não somos eternos é, de início e na maioria das vezes, demasiadamente encoberta. O que se observa é uma repetitiva tentativa de esquecimento deste enorme abismo que sempre está à espreita: o morrer.

No cerne da (tentativa de) fuga desta condição, encontra-se a dimensão corporal. Perene, o corpo insiste em revelar a ação do tempo: marcas e rugas, por exemplo, lembram que os anos passaram, que o tempo segue a correr. Nesta esteira, Alice Holzhey-Kunz, em seu livro “O olhar filosófico existencial sobre o sofrimento psíquico e sua terapia”, discute três experiências fundamentais do ser corpo: A dor, a vergonha e o nojo. Sobre este último, a autora destaca:

Todo o sentimento de nojo, para onde quer que ele venha a se dirigir, nos remete para a pura carnalidade e, com isto, para a caducidade do próprio corpo vivo [...] Então se torna plausível a hipótese de que todos os esforços que são investidos na estilização, no adorno e no embelezamento do corpo, representem tentativas de escapar da experiência do nojo. (HOLZHEY-KUNZ, 2018, p. 81).

A partir da descrição destas três tonalidades afetivas, Holzhey-Kunz (2018, p. 79) discute dimensões importantes que compõem as experiências “afetivas e atmosféricas” da corporeidade, propondo que os esforços em direção ao embelezamento de um corpo têm a ver, em última análise, com uma tentativa de esquecer que este corpo pode ser um cadáver.

Apesar desta fértil discussão, Holzhey-Kunz não comenta, ao menos de início, especificidades relacionadas ao ser-homem ou ser-mulher dentro desta problemática. Contudo, como observado no primeiro capítulo desta dissertação, uma significativa diferença está colocada em nossas tramas compreensivas – isto é, em nosso mundo fático, a cobrança pelo embelezamento certamente atinge meninas e mulheres de forma mais intensa. E o que estaria em jogo nesta assimetria?

Esta é uma complexa questão. As tramas que impulsionaram a *construção* da histórica associação entre beleza e mulher parecem não se apresentar de modo claro e unânime. Naomi Wolf, por exemplo, defende a existência do que chamou de “mito da beleza”: “O mito da beleza não tem absolutamente nada a ver com as mulheres. Ele gira em torno das instituições masculinas [...]. O mito da beleza de fato sempre determina o comportamento, e não a aparência” (WOLF, 2020, p. 31). A autora desvela a função coercitiva destes padrões estéticos, que tomam o lugar do controle exercido anteriormente pela maternidade, pela castidade e pela domesticidade feminina.

Segundo Wolf, a preocupação e o investimento das mulheres em torno de um padrão de beleza tornam-se atividades repetitivas, efêmeras – e, portanto, inesgotáveis. Segundo ela, esta seria uma maneira de “[...] gastar a energia e a inteligência feminina de forma inócua” (WOLF, 2020, p. 33), como se fazia com tarefas domésticas e atividades historicamente direcionadas ao feminino, como o bordado.

No livro *A dominação masculina*, Pierre Bourdieu (2014) discute a *incorporação* da dominação. É sabido que, aos homens, o padrão estético se relaciona a um corpo musculoso, grande, enquanto mulheres são geralmente lidas como bonitas quando magras, pequenas. De acordo com Bourdieu (2014, p. 47), estas imposições não seriam ao

acaso, mas estariam ligadas “[...] a uma espécie de cerco invisível [...] limitando o território deixado aos movimentos e aos deslocamentos do seu²³ corpo – enquanto os homens ocupam maior lugar com seu corpo, sobretudo em lugares públicos”.

Ainda que de suma importância, a *fundação* desta problemática não é o foco desta dissertação. Como sinalizado, ela dará importância à discussão sobre o *acirramento* das imposições estéticas direcionadas a mulher no mundo contemporâneo, partindo do pressuposto de que nunca foram tão intensas e violentas. Esta constatação é feita por autores, estudiosos e se desvela, também, no fazer-clínico.

4.2 O *Dasein* mulher na Era da Técnica

*Para ver as árvores e as flores.
É preciso também não ter filosofia nenhuma.
Com filosofia não há árvores: há ideias apenas.*

(Fernando Pessoa, 1946)

A escrita de uma dissertação exige, necessariamente, paciência. Minha experiência revela que este é um trabalho custoso, e que geralmente envolve muitas horas de dedicação para a confecção de cada linha, de cada parágrafo.. Porém, ainda no primeiro capítulo, quando optou-se por procurar relatos públicos de mulheres sobre os sofrimentos advindos da preocupação estética, não foram encontradas dificuldades. As histórias surgiram aos montes; uma curadoria, inclusive, se fez necessária. Se por um lado este infundável acervo de relatos auxiliou no rápido transcorrer daquelas linhas, por outro ele deu corpo ao que constatamos já no início desta pesquisa: a ensurdecida presença da pressão estética direcionada às mulheres no mundo contemporâneo.

A intensidade do sofrimento presente nestes e em outros relatos deveria ser uma óbvia constatação. Ainda assim, nota-se que as academias, os consultórios médicos e as clínicas de estética seguem repletas de mulheres frustradas e insatisfeitas com a própria aparência. E, para além disto, culpadas. Não raro, observa-se no trabalho clínico uma infundável descrição de sofrimentos e afetos - como a culpa e a vergonha - associados a dificuldade no alcance de determinados parâmetros estéticos.

Como isto é possível?

²³ Referindo-se ao corpo feminino.

Pensar este fenômeno de modo fenomenológico-hermenêutico significa, como já elucidado, suspender as concepções naturalizadas sobre ele, descrevendo-o para, então, compreender o seu sentido. Voltar às coisas mesmas.

Em uma sensível passagem de sua tese de doutorado, Evangelista diz sobre uma moça que se vê no espelho antes de um passeio na cidade: “Ao avaliar se está bonita, ela já está lá na cidade, olhando-se através dos olhos dos que a olharão” (EVANGELISTA, 2015, p. 39).

Com este recorte, o autor sinaliza uma condição fundamental do existir humano: já sempre existimos e nos constituímos junto aos outros. Enquanto *Dasein*, temos a possibilidade da alteridade, de compreender a presença do olhar do outro sobre nós. Justamente por ser ser-no-mundo-junto-aos-outros, o *Dasein* já se encontra imerso em tramas que ditam formas de comportamento, assim como parâmetros sobre o belo, o feio, o certo, o errado.

Toda a existência acontece *em e a partir* de uma trama de sentidos cujo horizonte já fora, em parte, previamente articulado. Ao longo de toda a sua existência, o *Dasein* experimenta a tarefa de estabelecer significados e relações com os entes que o rodeiam, como quem costura uma complexa colcha de retalhos. Esta trama, constituída por fios e tecidos diversos, é o que possibilita o sentir e o sentido para cada um de nós. Porém, como ensina Heidegger, não há como negar que esta trama, que oferece guarida para a condição ontológica de desabrigo, possui convocações históricas. O mundo, assim, apresenta uma série de emaranhados previamente estabelecidos, fundamentais para o modo como o *Dasein* se compreende e se coloca junto aos outros.

Como elucidado no terceiro capítulo desta dissertação, a tradição metafísica, em uma tentativa de manutenção do controle, promove o chamado “esquecimento do ser”. *Ser*, por definição, não é passível de uma apreensão una, imutável. Pelo contrário. Ele está, sempre e a cada vez, envolto por sua possibilidade de mudança, de imprevisibilidade. Então, o “esquecimento do ser” diz respeito, também, a uma tentativa de contornar o incontornável, de suprimir toda e qualquer manifestação desta indeterminação.

Esta lógica compõe a época em que vivemos, nomeada por Heidegger como “Era da Técnica”. Ela não diz respeito a um período específico, com data de validade, mas a um *modo* característico que norteia a sociedade contemporânea. Como visto

anteriormente, a técnica, ao responder a uma lógica mecânica e determinista, reduz o espaço para o desvelamento do *ser* de cada ente a cada vez; ela estreita possibilidades de mundo, soterrando o que de mais precioso – e assustador – possui o *Dasein*: A sua abertura ontológica. Como objetos-à-mão, olhamos também para os entes humanos a partir de sua serventia – e este nexos de instrumentalidade que faz com que o mundo presuma a existência de identidades e determinações preestabelecidas para os entes intramundanos.

É em meio à “fazeção” do impessoal, e na consumação desta absorção a direcionamentos preestabelecidos, que o ser-aí perde a si próprio, ou seja, distancia-se e desarticula-se da sua constituição originária. Ao consolidar o seu domínio feroz, o impessoal provoca um tamponamento do *Dasein* na medida em que viabiliza o esquecimento das suas possibilidades existenciais. É neste predomínio do ôntico sobre o ontológico que o *Dasein* se vê convocado a adequar-se, massificando-se.

Não sendo exceção, o *Dasein*-mulher, assim como os demais entes, encontra-se já colocado em um mundo que lhe dá orientações sobre como ser mulher. Disso, observa-se uma série de crenças hermeneuticamente cristalizadas, que perpetuam ideias padronizadas sobre a existência feminina – entre elas, a maternidade, compreendida como o pilar norteador da vida de uma mulher, ou a doçura, comportamento geralmente associado a meninas desde o nascimento. Poderíamos nos ater de modo mais aprofundado a estas questões, o que não será feito por não ser o foco principal deste estudo. Interessa, aqui, explicitar que este olhar tecnicista para o mundo acaba atingindo, também, o *Dasein*-mulher que, assim como os demais entes, torna-se padronizado e disponível para uso.

E, uma das mais preponderantes ideias sobre o feminino, é que ele deve estar associado à beleza. Não à toa, mulheres que detém certos parâmetros físicos são lidas e compreendidas em determinada direção: São consideradas mais bem-sucedidas, mais dignas de amor e felicidade; são compreendidas como esforçadas, merecedoras. O primeiro capítulo deste trabalho, inclusive, discute a instituição da beleza feminina como prerrogativa para a conquista da felicidade e do sucesso no mundo contemporâneo.

A partir desta dinâmica, mulheres que não se sentem abarcadas pelo paradigma estético vigente são arrebatadas por sensações de frustração, incapacidade e exclusão.

Interessante pensar que “mundo”, em latim²⁴, significa “limpo”, “são”, “puro”. Assim, se há resistência ou não adequação ao que diz o mundo, o que isso me torna? I-mundo? Fora deste mundo? É possível sobreviver não correspondendo ao que se coloca aí?

O que se instituiu como “verdade”, no seio desta medida técnica, é que não há como alcançar uma vida plena e feliz com a dívida da “feiura”. Todas estas mensagens parecem estar inscritas no corpo, na aparência.

4.3 O corpo-objeto

*Ainda ontem
os homens colheram rosas que nasceram de nós.*

(Hilda Hilst, 2017)

Corpo, aqui, não se refere a uma instituição meramente biológica. Como observado no Capítulo 3, a tradição científica e filosófica propõe a divisão entre sujeito e objeto, entre um mundo objetivo e outro subjetivo. Nesta narrativa, haveríamos de considerar, de um lado, a existência de um mundo externo, concreto, regido por parâmetros claramente estabelecidos, enquanto de outro lado estaria um universo interno, subjetivo, e que ficaria à mercê de leis menos palpáveis, menos acessíveis. O corpo humano, inserido nesta lógica, é considerado parte deste mundo objetivo, regido por diretrizes físicas e biológicas.

Heidegger oferece uma compreensão que caminha na contramão deste discurso. Nesta longa, porém brilhante e necessária passagem, Casanova (2015, p. 40) esclarece:

O que Heidegger afirma não é que o ser-aí humano não tenha nenhuma determinação corporal e que a medicina, juntamente com todo o seu saber acumulado por meio de um número enorme de pesquisas e investigações, não passe de uma gigantesca ilusão. Ao contrário, o que Heidegger nos diz é apenas que as descobertas da medicina e o modo como lidamos com o nosso corpo no âmbito das orientações diárias que recebemos da ciência médica também se encontram submetidos às determinações historicamente construídas e sedimentadas do mundo fático que é o nosso. Dito de maneira mais direta: por mais que a ciência procure determinar de maneira isenta o nosso corpo, o máximo que ela consegue fazer é instituir certo modo de relação que acaba por demarcar o espaço do que significa ter um corpo. [...] Não há nenhum corpo originário, nenhuma determinação corporal previamente dada que independesse de todo e qualquer mundo fático sedimentado.

²⁴ *Mundus*

Como herdeiros desta tradição, torna-se difícil abandonar a interpretação do corpo como mero ente físico-biológico. Porém, Pompeia (2003, p. 31, 37) reafirma: “A corporeidade diz respeito ao corpo²⁵, mas diz respeito ao mesmo tempo ao mundo [...]. Ser exposto ao olhar do outro não se refere apenas ao corpo²⁶”. Refere-se à existência, ao fato de estarmos, sempre, junto-aos-outros-neste-mundo.

Não há, portanto, como falar de corpo sem falar de mundo. Não há como pensar a relação que se estabelece com a dimensão corporal sem pensar em sentidos construídos dentro da existência. Dado que o corpo *é mundo, é existência* – e que este mundo de início e na maioria das vezes já se abre de modo técnico, não há como negar o acirramento da compreensão de um corpo-objeto, passível de qualquer tipo de manipulação e ajuste.

Não por acaso, Chul-Han (2015), Safatle, Junior & Dunker (2020), Ehrenberg (2010) e Bauman (2001), discutem, cada um ao seu modo, a retórica atual sobre o sujeito empreendedor de si, que se autogere e se autoaperfeiçoa. Este sujeito da autonomia, como visto no segundo capítulo, carrega a contradição da *liberdade coercitiva*: ele não mais obedece ao outro, mas acredita ter a “liberdade” de escolher e operar a própria vida de modo ilimitado, a partir de empenho, esforço, iniciativa e um certo grau de sofrimento²⁷.

O que se observa, no entanto, é que esta lógica carrega uma autoexploração latente, pois invalida limites e ignora singularidades. Pautado pelo nexos do desempenho, o existir atual norteia-se pelo imperativo da superação a qualquer custo: “seja a sua melhor versão”. Esta versão ideal, entretanto, parece nunca ser de fato alcançada. Como já mencionado, há sempre um porvir. Assim, vive-se “[...] permanentemente com uma sensação de falta e culpa” (CHUL-HAN, 2021, p. 52).

Notícias destes sentimentos aparecem aos montes. Enquanto psicóloga, não posso deixar de atentar para a escolha das palavras que compõem as expressões idiomáticas do cotidiano. Longe de ser mero acaso, compreendo que, no mais das vezes, elas revelam elementos importantes sobre o fenômeno do qual se fala. A título de ilustração, destacamos aqui a expressão “*tá pago*”, amplamente utilizada para anunciar o término de uma prática esportiva. Entretanto, o que mais ela carrega?

²⁵ Corpo, aqui, significa “corpo-físico”.

²⁶ “Corpo-físico”.

²⁷ Vide frases amplamente utilizadas no mundo contemporâneo como “*no pain, no gain*”, traduzível como “sem esforço, não há ganhos”.

Uma rápida consulta ao dicionário esclarece que o verbo *pagar* significa “entregar (algo) para cobrir despesa ou débito” (PAGAR, 2021). Só é possível “pagar” quando se está, veja só, em dívida – em *falta*.

Este nexos do desempenho é, por assim dizer, balizado por uma insistente negação de qualquer manifestação associada ao limite, ao desprazer, ao sofrimento. Pretende-se, desta forma, uma sociedade lisa, sem marcas e sem percalços (CHUL-HAN, 2019). Neste momento, perguntamo-nos: seria a preferência por corpos lisos – ou seja, sem marcas, celulites, estrias e rugas – a concretização corporal desta fantasia contemporânea?

Nesta negação perversa de todo e qualquer limite, são reconhecidas apenas duas possibilidades de leitura frente a determinados fenômenos: funcionar ou fracassar. “Assemelha-se, aqui, às máquinas. Estas também não conhecem conflito algum. Ou funcionam perfeitamente, ou estão quebradas” (CHUL-HAN, 2021, p. 54). Como não poderia deixar de ser, este envio epocal, justamente por tingir a abertura do *Dasein* em todos os espaços de sua vida, aparece também na experiência do corpo feminino. Por ser objeto, este corpo fica disponível ao escrutínio alheio, e passa a ser medido, pesado e milimetricamente avaliado por todos. Desta avaliação, emergem dois caminhos: a exaltação, que chega com os louros e a satisfação de um corpo esteticamente aceito, ou a vergonha e a culpa por um corpo esteticamente “desajustado”.

Mulheres que não performam estes padrões são, em geral, lidas como “aquelas que não cuidam de si”, “aquelas que não conseguem ajustar a sua aparência da maneira correta” – e que, portanto, falharam na sua função de autogestão. O “fracasso” deste corpo, assim, não é compreendido como impossibilidade estrutural ou diversidade própria do existir, mas como incompetência individual. O belo, ao contrário do que se observava antigamente, não é mais uma atribuição divina, mas algo passível de ser conquistado com “certo esforço”.

O que estava aí, isto é, a histórica associação entre mulher-beleza, *acirra-se* no mundo contemporâneo – que clama pelo esforço extenuante, pela queda de barreiras e pela ampliação de limites. Assim, cirurgias plásticas, procedimentos estéticos, dietas restritivas e horas a fio nas academias tornaram-se amplamente naturalizados; *parte do jogo*. Vemos, aqui, a *performance* do corpo.

A performance está, necessariamente, atrelada a outro elemento fundamental do mundo contemporâneo: o consumo, discutido no segundo capítulo desta dissertação. Percebe-se, com certa clareza, que a insatisfação feminina é motor potente para um mundo regido pelo capital, que vende soluções - como quem vende pílulas mágicas - para cada “problema” estético criado.

Tem-se, assim, um exército de cabelos tingidos, hidratados, cutículas milimetricamente retiradas, unhas de pés e mãos pintadas, depilação nos braços, pernas, virilhas, axilas, buços, alongamento de cílios, pigmentação das sobrancelhas, géis redutores, cremes para celulite, cremes para estrias, cremes para olheiras, cremes para acne, cremes para o rosto, ácidos para manchas, base, pó, *blush*, rímel, delineador, batom, sutiãs, cintas, salto alto, preenchimentos nos lábios, na mandíbula, botox na testa, no “pé de galinha”, lipoaspiração no braço, na barriga, no interior da coxa, aumento de glúteo, de mama, diminuição dos lábios vaginais...

Tais procedimentos, cortes e suturas só fazem sentido em um mundo que vocaliza direcionamentos assertivos sobre a maneira correta de existir, e que cobra providências diante do que nomeia “falha”.

4.4 A Era das Imagens

Com certa margem de segurança, é possível afirmar que em nenhum outro momento histórico experienciou-se um nível de pressão estética como o visto atualmente. Não à toa, atravessamos a Era das Imagens.

Equipados com celulares e computadores, homens e mulheres se habituaram à constante exposição que estas ferramentas demandam. As infindáveis reuniões via *Skype* ou *Zoom*, a facilidade nos registros fotográficos e a intensa apropriação das telas como forma de lazer tornaram as *imagens* o centro da cultura contemporânea. Elas estão tão impregnadas no cotidiano atual, que se torna praticamente impossível conhecer um artista ou figura pública sem saber como se parecem fisicamente. Apesar de parecer uma óbvia constatação, nem sempre foi assim – esta obviedade, inclusive, é sintoma da naturalização dos processos aqui descritos. Ainda que amplamente conhecidos, Picasso e Clarisse Lispector, por exemplo, geralmente não são identificados por suas feições, mas sim por suas criações.

Os corpos estão expostos de tal forma que até os menores detalhes podem ser esmiuçados pelas lentes das câmeras e pelo alcance do *zoom*, que escancaram todo e qualquer traço de humanidade – pelos, poros, texturas e marcas. Estas são características consideradas indesejáveis, dado que o padrão de beleza parece estar associado a uma estética quase asséptica, alcançável somente a partir de ferramentas digitais de edição de imagens. O que se observa, porém, é que esse modelo extrapola as telas e se converte em imperativo a ser reproduzido na própria carne. O corpo indesejável não só pode – mas deve – ser remodelado. Percebe-se, novamente, a performance do corpo.

Esta performance, inclusive, instaura-se de diferentes formas no mundo contemporâneo. Como visto no segundo capítulo, o enfraquecimento do coletivo deu grande ênfase ao indivíduo. Nesta sociedade da hiperconexão e hiperexposição, é preciso que os atos sejam vistos e, se possível, apreciados por muitos. *Likes*, compartilhamentos, comentários – todos mecanismos das redes sociais que medem o sucesso (ou o fracasso) de determinado indivíduo. Este avatar virtual escamoteia imperfeições, dificuldades e impossibilidades, construindo a ideia de que a felicidade, o sucesso e a beleza são imprescindíveis – e estão a um palmo de distância.

Pensemos, por ora, em outra forma de apreensão do mundo; a leitura de um livro, por exemplo, demanda que cada pessoa crie a própria estética da história, em um esforço imaginativo que convoca o leitor a colocar-se em jogo. Todavia, com o predomínio das imagens na contemporaneidade, percebemos que as narrativas já chegam prontas – e padronizadas.

Este é um sintoma do tempo atual, visto que, no mundo contemporâneo, somente um dos cinco sentidos é privilegiado: a visão. Endossado por uma tradição objetificante, o *olhar* monopoliza a cena contemporânea e acaba por empobrecer toda a riqueza possível para a vivência e contemplação dos corpos. Este empobrecimento aparece não apenas nos encontros interpessoais, mas também no contato singular “eu-com-meu-corpo”. Aprisionadas pela preocupação extrema com a aparência, as mulheres deixam de viver plenamente sua sexualidade, por exemplo.

Nesta esteira, Mirian Goldenberg formaliza, em seu artigo “Afiml, o que quer a mulher brasileira?”²⁸, um discurso amplamente difundido no senso-comum brasileiro: o

²⁸ O artigo reúne informações de três pesquisas realizadas pela autora.

da mulher que só consegue ter relações sexuais com a luz apagada. Segundo o estudo, algumas participantes “[...] ficam obcecadas com as imperfeições do próprio corpo”, fato que impacta suas experiências sexuais. O relato de um dos participantes afirma: “Muitas vezes estamos no meio da transa, no maior clima, e ela²⁹ pergunta: estou gorda? Ou então insiste em transar no escuro para eu não ver o corpo dela” (GOLDENBERG, 2011, n.p).

A relação com o próprio corpo, estabelecida de modo superficial e performático, acaba por conduzir o aprisionamento feminino a um “corpo-vitrine”, que deve ser consertado, trabalhado, olhado, admirado – e não vivido, sentido e experienciado com liberdade e entrega, por exemplo.

Para além destas questões, há outro importante desdobramento do protagonismo adquirido pela visão em um mundo regido pela técnica: a aparência imediata de determinado ente, de início e na maioria das vezes, é tomada como a *verdade* sobre ele, como a única via necessária para o sentenciamento de quem ele é. Regida por uma ideia tradicional de “verdade”, e portanto concebida como certeza e exatidão, a dinâmica atual distancia-se das nuances próprias ao movimento, ao existir. Em seu sensível olhar para a condição humana, porém, Heidegger propõe a noção de verdade enquanto *Aletheia*, tomando-a como desvelamento. Diante disto, o filósofo sinaliza todo o encobrimento ainda presente no que se descobre. Afinal o *ser* nunca pode ser apreendido por completo, pois há sempre algo oculto no que se mostra:

Para Critelli (1996) nenhum ente pode, em si mesmo, mostrar-se em sua totalidade, de forma completa ou definitiva, porque ele se mostra a *um certo olhar* – e todo olhar só pode ver aquilo que está exposto à luz, não consegue ver aquilo que está sob o escuro, ocultado. (ALBUQUERQUE, 2020, p. 32).

Diante disto, nos perguntamos: O que será que perdemos quando olhamos somente para aparência imediata dos entes intramundanos, sentenciando-os ao encurtamento de sua imagem?

4.5 Desenraizamento existencial

*Há que sentar-se na beira
do poço da sombra
e pescar luz caída
com paciência.*

(Pablo Neruda, 2018)

²⁹ Referindo-se à namorada.

A indissociabilidade entre corpo-mundo-existência revela outra questão importante: o questionamento dos padrões estéticos não diz respeito somente à dimensão corporal. A possibilidade de colocar em suspenso as imposições mundanas sobre este aspecto desnuda, justamente, o *nada* que constitui a existência. Se é possível desconfiar do que este mundo determina como “verdade”, o que sustenta o existir?

Como dito anteriormente, a busca por abrigo de sua angústia constitutiva faz com que o *Dasein*, de início e na maioria das vezes, se relacione com o mundo de modo impróprio. A experiência com este mundo ocorre, no mais das vezes, de forma planejada, com reduzida abertura para uma meditação poética sobre o sentido de suas ações. Em uma inundação de direcionamentos e sedimentações, abre-se pouco espaço para as frestas da existência, que desnudam a negatividade do ser.

A possibilidade de contato com a negatividade é, ao mesmo passo que angustiante, movimento potente para um viver mais autêntico. É somente na possibilidade de revisão das correntezas mundanas que reside um existir mais livre e apropriado. A busca por controle e previsibilidade determinou a adoção de um olhar tecnicista, frio e distanciado para o ser humano, que passa a ser visto como destituído de todo o seu mistério e abertura. Sobre isto, recorreremos novamente à afirmação de Clini (2016, p. 62): “Perdeu-se de vista o *sentido* das coisas para além de sua *fachada*”. Justamente neste contexto, respondendo ao que a época atual produz como demanda, as mulheres se veem aprisionadas em deveres e obrigações que distraem e limitam suas possibilidades de existir.

Assim, ser terapeuta e fenomenóloga é sustentar, a todo o momento, a potente abertura propiciada pelo não-saber. Esta tarefa, como se pode imaginar, torna-se árdua em meio a unidade epocal que determina o ser dos entes na contemporaneidade: A técnica. Estampando o cenário atual, este modo de conceber e lidar com o mundo chega também aos consultórios e inunda de angústias aquelas que, bravamente, aventuram-se em si mesmas. Dar voz a incoerências, dúvidas, questões, dificuldades e sentimentos nunca é uma empreitada simples. Ela ganha especial peso, porém, quando as pessoas se veem absorvidas por uma lógica que advoga pelo afastamento de qualquer tipo de negatividade presente no existir.

Premissas de um trabalho clínico – isto é, o aguardo pelo desvelamento, o acolhimento, a sustentação da inconstância e o respeito ao que se mostra a cada vez - são parâmetros fundamentais para a construção de uma certa tolerância à condição ontológica de indigência – tolerância esta que poderia mitigar a tão presente adesão a fórmulas prontas de existência.

Vale dizer que, com as reflexões aqui tecidas, não se pretende negar a relevância das tramas mundanas; elas oferecem amparo e são importantes para a compreensão e organização da vida cotidiana. Como colocado anteriormente, o *Dasein* já se constitui e se estrutura pelo espírito da sua época, sendo atravessado, fundamentalmente, por orientações do seu mundo. É esta familiaridade oferecida pelo mundo que nos permite compor a nossa identidade, os nossos afetos, o nosso corpo... É a partir deste solo construído pelo mundo que se adquire confiabilidade para que planos e projetos - que sustentam o sentido de nossa existência - possam ser fundamentados.

O que este trabalho discute, sim, é o acirramento de um modo de ser planificado, que nos convoca a uma repetição compulsiva, amplificada por um mundo no qual os entes são admitidos a partir da sua funcionalidade, da sua ocupação. Pretende-se, assim, caminhar na contramão do processo de naturalização e esquecimento do ser, de modo a questionar as objetificações que perpetuam compreensões encurtadas e encurtadoras de mundo – e que geram sofrimento.

Assim, nos questionamos: É possível para as mulheres o reconhecimento de si para além da *beleza* como marcador? É possível a ampliação da gama de referências sobre o que se considera belo? É possível a construção de tramas de mundo que retirem o protagonismo do “ser-bela” quando se fala sobre meninas e mulheres?

4.6 O fazer artesanal

*Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.
Para mim poderoso é aquele que descobre as
insignificâncias (do mundo e as nossas).*

(Manoel de Barros, 2001)

Neste trabalho foi utilizada, em muitas ocasiões, a expressão “contramão”. Com ela enfatizou-se, incessantemente, a possibilidade de um construir que não seja totalmente absorvido pelas tramas de mundo; que não seja levado pela enxurrada, mas que possa,

vez ou outra, resistir a correnteza; caminhar na contramão. Dado que em seu diagnóstico da modernidade Heidegger aponta para um existir técnico, mecanizado, que preza pelo cálculo e pela velocidade massificadora, qual seria a possibilidade de “contramão”?

Casanova (2006) apresenta uma reflexão sobre as mudanças ocorridas com o advento da pesca industrial. Para falar sobre os desdobramentos desta medida técnica que permeia o mundo contemporâneo, o autor relembra que o pescador, anteriormente, lançava-se ao mar escorado por suas habilidades, percepções e conhecimentos – atributos geralmente construídos por um *fazer* de anos; era necessário que ele jogasse a sua rede e aguardasse, para então retirar os peixes, que eram arrastados à terra para serem limpos, embalados e levados à cidade; tudo isso, lembra Casanova, era executado pelo mesmo indivíduo, que participava de todas as etapas do processo.

A instituição da pesca industrial, por sua vez, automatiza este processo, que passa a ser regido por normas e aparelhos. O conhecimento empírico e pouco objetivo do pescador dá lugar a técnicas e equipamentos, que impõem outra relação dos trabalhadores com o próprio ofício - já que o trabalho passa a ser setorizado em linhas de produção. Se antes o pescador possuía proximidade com o mar, com os animais, com os seus camaradas e até mesmo com o consumidor do alimento, hoje em dia observamos “especialistas”, que se distanciaram deste *fazer em rede*.

A linha de produção, de fato, parece mais eficiente. Entretanto, se tomada como verdade, como a única possibilidade de *fazer* neste mundo, o que se perde? Existiria, na contramão, a possibilidade de um construir artesanal?

Artesanato diz respeito ao trabalho manual, não industrializado, que escapa à produção em série. O fazer artesanal, por definição, impede a reprodução homogeneizada. Ele pressupõe o ineditismo. Não há a possibilidade de uma réplica exata, pois o artesanato contém, em si, humanidade. Feita por mãos humanas, a peça artesanal encontra a sua beleza justamente em seu caráter singular. Tomada aqui como metáfora, entendemos que a dinâmica da pesca explicitada por Casanova (2006) pode ser transposta para outros espaços do viver.

Entende-se, assim, a potência de um olhar artesanal para o mundo - e, portanto, para si. Este é um olhar que pressupõe o desenvolvimento de uma certa tolerância ao que comumente é entendido como falha ou defeito; afinal, no fazer artesanal, são estas as

características que agregam valor à peça final. O que se observa atualmente, porém, é uma alta sensibilidade – para não dizer intolerância – às imperfeições.

Esta alta sensibilidade se coloca também no olhar sobre o corpo feminino; de início e na maioria das vezes o acesso a este corpo já se dá de forma intransigente, com pouco espaço para a intimidade, para o demorar-se junto ao que solicita a atenção. A rapidez e a agilidade de um mundo frenético encobrem a possibilidade de um outro tempo, o tempo da contemplação e da descoberta. Encurtam-se, assim, as possibilidades de encontro “eu-comigo-mesmo” que pressuponham recolhimento, estranhamento, desorganização, sujeira... Isto ocorre, justamente, porque há pouca abertura para suportar a angústia, os limites, o não-saber, o mistério. O “escuro do existir”³⁰.

Exatamente por isso que inaugurar um novo olhar para o mundo, para os outros e para si demanda compromisso, esforço. A rearticulação de sentidos para a existência necessariamente exige um remar na contramão, um tomar-para-si o próprio existir. A diversificação de significados e possibilidades diante do corpo feminino é uma demanda urgente, especialmente se consideradas as tramas de um mundo que violenta meninas e mulheres das mais diversas maneiras.

³⁰ Expressão utilizada por Marco Antônio Casanova em seu artigo denominado “Heidegger e o escuro do existir: Esboços para uma interpretação dos transtornos existenciais” (2015).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O essencial é saber ver,
Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida!),
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender*

(Fernando Pessoa, 1946)

Tentando me distanciar da preferência contemporânea por superfícies lisas e sem ruídos, percebo que carrego em mim as marcas das mulheres que cruzaram o meu caminho. Rastros, ecos e reflexos de suas histórias, marcados na carne e no afeto. Enquanto mulher e psicóloga, deparo-me incessantemente com os sofrimentos advindos dos imperativos mundanos, que despertam infindáveis revisões sobre o que se coloca no aí – em um movimento que parece sempre escorrer pelas mãos.

Nestas reflexões, entendo-me tocada pela força e potência de mulheres, que reportam, cada vez mais, a vontade de construir os próprios caminhos para além do caráter normativo que as circunscrevem. É exatamente por perceber a pluralidade do ser-mulher, e embebida pela complexidade das minhas pacientes, amigas e colegas, que surge o interesse por este trabalho.

Afinal, como é possível um mundo que não enxerga e não legitima tantas nuances?

Interessante pensar que este é um mundo marcado pela visão. O sentido captado pelos olhos, porém, parece não garantir mergulhos profundos. É possível ver, mas não olhar. Na pressa de um mundo que urge pela produtividade e no correr de um mundo que exalta a quantidade, perde-se algo.

Este algo, por assim dizer, deve sempre estar no plural – afinal, não é possível sentenciar somente um desdobramento desta “pressa” contemporânea. Porém, pensando no recorte deste trabalho, destacamos um significativo estreitamento imputado às mulheres de nossa época - especialmente quando consideramos a amplitude de características geralmente reconhecidas e valorizadas no feminino.

Olhando para este mundo percebemos que uma mulher, no mais das vezes, será avaliada em toda a sua aparência antes de ser escutada pelo que tem a dizer. Percebe-se o quanto o seu peso e sua aparência são tratados como assuntos públicos, como se precisasse primeiro ser aprovada como enfeite para, enfim, poder ser compreendida como

ser-humano, profissional, mãe... Afinal, esta é uma sociedade “[...] regulada mais por critérios estéticos do que éticos” (MARIN, 2006).

Não à toa observa-se, por exemplo, que apenas 6% dos artistas do acervo do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) são mulheres – apesar de 60% dos nus lá expostos serem femininos. Esta é uma denúncia idealizada pelo grupo anônimo *Guerrilla Girls*, que em peça exposta no próprio museu, questiona: as mulheres precisam estar nuas para entrar no Museu de São Paulo?

Para pensar de modo hermenêutico-fenomenológico a crescente pressão estética direcionada à mulher contemporânea, foi necessário compreender o mundo de onde emerge este fenômeno. Claro, é sempre preciso lidar com a singularidade de cada existência, mas não só: meditar historicamente sobre o horizonte hermenêutico sedimentado, compreendendo o que de universal reside em tal fenômeno, é fundamental para um olhar rigoroso sobre ele. Afinal, as esferas coletivas e individuais são indissociáveis, e seus limites aparecem somente em teoria.

Por isto, e a partir das considerações tecidas nesta dissertação, consideramos que a histórica relação entre beleza e mulher se *estreita* e se *acirra* em uma época marcada por uma medida *técnica* que promove a adesão desenfreada e violenta aos imperativos deste mundo - mundo este que tensiona as relações e transforma o ser-humano em objeto-mercadoria; mundo que amplifica, compulsivamente, a soberania da visão como forma de reconhecimento do que se encontra aí; mundo que vocaliza direcionamentos assertivos sobre modos “corretos” de existir, e cobra a performance e o aperfeiçoamento individual a todo o custo;

Ancorada por estas constatações, esta pesquisa problematiza o discurso que apresenta este acirramento como “natural” e inofensivo. Em sua tese, por exemplo, Cardinalli (2002) esclarece que o fenômeno da *violência* é uma problemática complexa e de difícil definição. Ainda assim, a autora apresenta um conceito proposto pela Organização Mundial da Saúde (OMS) que entende violência como:

O uso da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (ORGANIZAÇÃO..., 2002, p. 5).

O texto também esclarece algumas classificações possíveis deste fenômeno. Ainda que integralmente relevante, interessa, aqui, destacar a chamada *violência coletiva*, isto é, aquela que acontece “[...] nos âmbitos macrossociais, políticos e econômicos”, caracterizando “[...] a dominação de grupos e do Estado” (CARDINALLI, 2011, p. 21). Especificamente quando se fala sobre violência contra as mulheres, a Convenção de Belém do Pará³¹ propõe a seguinte definição: “Entender-se-á por violência contra a mulher qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada” (BRASIL, 1995).

Tendo em vista estes conceitos, e a partir das construções apresentadas nesta dissertação, compreende-se que os imperativos estéticos direcionados a meninas e mulheres, na forma como se apresentam no mundo contemporâneo, podem, *sim*, ser tomados como mais uma violência direcionada a elas.

Esta violência, porém, não está exatamente explícita, escancarada. Como observado no segundo capítulo, parte da perversidade contida na lógica contemporânea reside, justamente, em seu encobrimento. A naturalização dos processos aqui descritos amplifica a gravidade de suas repercussões: maquiadas, as imposições estéticas atravessam o cotidiano feminino de forma sedutora, dificultando o reconhecimento de desconfortos e sofrimentos delas advindos.

Encontro em Heidegger, assim, a possibilidade de um olhar que (des)construa o que é tomado como verdade pela tradição, em um radical questionamento ao estado atual das coisas.

Com isto não pretendemos defender o fim de todo e qualquer artifício de embelezamento feminino, ou problematizar em absoluto os processos que transitam neste campo. Procedimentos estéticos, inclusive, podem fazer sentido dentro de um projeto de vida singular. O que se discute, aqui, é a adesão desenfreada a certos comportamentos – adesão balizada pelas tramas sedimentadas do nosso mundo, e por uma época que promove o sucessivo encobrimento de nossa estrangeiridade, de nosso abismo existencial.

31 Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, concluída em Belém do Pará, em 9 de junho de 1994.

O desafio que se impõe ao existir contemporâneo talvez seja, justamente, a busca por formas de se inscrever nos laços e tramas desta sociedade, sem deixar de preservar a possibilidade de um viver apropriado de si, ou seja, sem a diluição, por completo, no que se coloca no mundo. Este estudo se sustenta, assim, na esperança de que as discussões aqui tecidas possam clarificar processos considerados “inatos”, contribuindo, quem sabe, para ampliar o grau de liberdade para dizer sim – ou não – às ferramentas e verdades hoje disponíveis.

Foi nestes termos – de descobertas e construções diversas – que esta dissertação se constituiu. Caminhar a passos firmes, mas sem direção predefinida, tornou possível um construir ético e respeitoso sobre possíveis leituras das complexas tramas que envolvem o fenômeno em questão. E todo este fazer se condensa no desfecho deste estudo.

Pompéia e Sapienza (2015), inclusive, ensinam algo sobre o termo desfecho. Desfecho. O prefixo “des” geralmente indica uma negação, uma reversão. O “des-fecho” de algo, portanto, pode indicar uma abertura. E é exatamente este o intuito de um trabalho acadêmico. Espera-se que, com o desfecho deste estudo, tantos outros possam emergir, instigados pelas questões trazidas por esta finita dissertação.

A análise aqui realizada mostra-se, assim, como um convite a novas reflexões, visto que não se pode abarcar toda a complexidade de um tema em um único estudo acadêmico. A investigação sobre os desdobramentos concretos desta pressão estética em adolescentes e jovens meninas, por exemplo, parece um importante tema a ser olhado em dissertações posteriores – especialmente se considerarmos a força de tais imperativos na geração atual, que nasce absolutamente imersa em um mundo digital e globalizado.

Entende-se, enfim, que esta é uma discussão que só pôde acontecer porque o existir está sempre em movimento, nunca está pronto. Ao contrário do que se prega, não é possível “resolver” a vida: ela está sempre, e a cada vez, acontecendo. Em gerúndio.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Sabrina. *Os impactos das tecnologias digitais de comunicação nos relacionamentos afetivos: os sentidos do controle*. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.
- APÓS anorexia e depressão, Débora Nascimento se diz de bem com o corpo. *GSHOW*, 21 set. 2013. Disponível em: <http://gshow.globo.com/programas/encontro-com-fatima-bernardes/por-tras-das-cameras/noticia/2013/09/apos-anorexia-e-depressao-debora-nascimento-se-diz-de-bem-com-o-corpo.html>. Acesso em: 20 set. 2021.
- APRENDA 10 truques para sair bem em todas as fotos. *Terra*, São Paulo. Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/mulher/comportamento/aprenda-10-truques-para-sair-bem-em-todas-as-fotos,ef4bbc43cc10c310VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 14 jan. 2021.
- ARASSE, Daniel. A carne, a graça, o sublime. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. *História do corpo: da Renascença às Luzes*. Tradução: Lúcia M. E. Orth. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 535-620.
- ARAUJO, Denise Castilhos de; CORREIO, Viviane Dias Pereira. *A beleza em revista: a (des) padronização estética feminina em TPM*. Disponível em: <https://search.proquest.com/openview/532dbcf758d86f0d673dc77fb9f23d5e/1?pq-origsite=gscholar&cbl=4708196>. Acesso em: 14 dez. 2020.
- ARLOTTA, Roberta Toste. *O corpo feminino e os ideais de beleza na publicidade sob um olhar da Psicanálise*. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.
- BALDANZA, Renata; ABREU, Nelsio. Reflexão sobre as influências da indústria cultural na difusão de valores estéticos: a TV aberta brasileira e a padronização da beleza. *Mediaciones Sociales*, n 7, 2010, pp. 91-110.
- BARBOZA, Jair. O discurso filosófico sobre as mulheres e o amor Kant, Schopenhauer e Nietzsche. *Nat. hum.*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 59-74, jun. 2009.
- BARROS, Manoel de. *Tratado geral das grandezas do ínfimo*. Rio de Janeiro/São Paulo, Editora Record: 2001
- BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro/São Paulo, Editora Record: 2004
- BAUDELAIRE, Charles. *The painter of modern life and other essays*. Oxford: Phaidon Press.1964.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt; BORDONI, Carlos. *Estado de crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- BAUMAN, Zygmunt. *O homem que inspirou Matrix*. [Entrevista cedida a] Folha de S. Paulo. São Paulo, 11 de mar. 2007. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1103200706.htm> . Acesso em 17/01/2022.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BORDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução: Maria Helena Kuhner. 2ª. ed, Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

BOTTAN, Mirian. 31 ago. 2018. Instagram: @mbottan. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BnKSBEhcz1/>. Acesso em: 20 set. 2021.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Decreto Legislativo nº 107, de 1995. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decleg/1995/decretolegislativo-107-31-agosto-1995-364335-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 25 nov. 2021.

BRITO, Marcos Antonio. *Tonalidades afetivas e poesia: uma analogia possível no Heidegger da “viragem”*. 2015. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Paraná, Toledo, 2015.

CAMPILHO, Matilde. *Jóquei*. São Paulo: Editora 34, 2015.

CAMPOS, Álvaro de. *Poema em linha reta*. PESSOA, Fernando. Fernando Pessoa: Obra Poética. Rio: José Aguilar, p. 418, 1972.

CAMPOS, Veridiana. *Beleza, feminilidade e reflexividade: um estudo sobre a mediação agência – estrutura por mulheres intelectuais*. 2010. (Dissertação de Mestrado em Sociologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2010.

CARDINALLI, Ida. Daseinsanalyse: corpo e corporeidade. *Revista Daseinsanalyse*, Associação Brasileira de Daseinsanalyse, São Paulo, n. 12, p. 43-56, 2003.

CARDINALLI, Ida. Transtorno de Estresse Pós-Traumático: um estudo fenomenológico-existencial da violência urbana. São Paulo, 2011. 146 p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

CARDINALLI, Ida. Heidegger: o estudo dos fenômenos humanos baseados na existência humana como ser-aí (Dasein). *Rev. Psicologia USP*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 249-258, 2015.

CARDINALLI, Ida. O sofrimento na contemporaneidade: uma compreensão daseinsanalítica. 2020. In: DUTRA, Elza (org.). *Sufrimento, existência e liberdade em tempos de crise: palestras apresentadas no II Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial e II Encontro Nacional do GT de Psicologia & Fenomenologia*. – 1ª. ed – Rio de Janeiro: IFEN, 2020, p 103-126.

CASANOVA, Marco Antônio. *Nada a caminho: impessoalidade, niilismo e técnica na obra de Martin Heidegger*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CASANOVA, Marco Antônio. *Compreender Heidegger*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

CASANOVA, Marco Antônio. *Eternidade Frágil*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2013.

CASANOVA, Marco Antônio. Heidegger e o escuro do existir: esboços para uma interpretação dos transtornos existenciais. In: EVANGELISTA, Paulo Eduardo

- R. A. (org.). *Psicologia fenomenológico-existencial: possibilidades da atitude clínica fenomenológica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015.
- COLTRO, Alex. A fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. *Caderno de Pesquisas em Administração*, São Paulo, v. 1, n. 11, p. 37-45. 1º trim., 2000.
- COUTO, Edvaldo et al. *Da cultura de massa às interfaces na era digital*. R. Faced, Salvador, n.14, p.105-118, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/1185/1/2657.pdf>. Acesso em 17/01/2022.
- CHUL-HAN, Byung. *Sociedade do cansaço*. Tradução: Enio Paulo Gianchini. Petrópolis: Vozes, 2015. 80 p.
- CHUL-HAN, Byung. *A salvação do belo*. Tradução: Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2019.
- CHUL-HAN, Byung. *Capitalismo e impulso de morte: ensaios e entrevistas*. Tradução: Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2021.
- CLINI, Maira. *Contemplações entre arte e clínica: por uma presença fenomenológica-hermenêutica*. 2016. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- COLASANTI, Marina. *Eu sei, mas não devia*. *Jornal do Brasil*, 1972.
- CRITELLI, Dulce. *Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: EDUC: Brasiliense, 2007.
- DJEHDIAN, Amanda. São Paulo, 25 dez. 2020. Instagram: @amandadjehdian. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CJPJ_uzHATf/. Acesso em: 20 set. 2021.
- DUARTE, A. *Heidegger e o diagnóstico filosófico da modernidade: vidas em risco*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 13-42.
- EHRENBERG, Alain. Depressão, doença da autonomia? [Entrevista cedida a] Alain Ehrenberg e Michel Botbol. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 143-153, jan. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982004000100009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 mar. 2021.
- EHRENBERG, Alain. *O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*. Tradução: Pedro F. Bendassolli. São Paulo: Ideias & Letras, 2010.
- ETCOFF, Nancy. *Survival of the prettiest: the science of beauty*. New York: Little Brown Book Group, 1999.
- EVANGELISTA, Paulo Eduardo Rodrigues Alves. *O que pode um psicólogo fenomenológico-existencial: questionamentos e reflexões acerca de possibilidades da prática do psicólogo fundamentadas na ontologia heideggeriana*. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2017.

FEIJOO, Ana Maria; DHEIN, Carolina (2014). Uma compreensão fenomenológico-hermenêutica das compulsões na atualidade. *Fractal: Revista de Psicologia*, 26(1), 165-178, abr. 2014. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922014000100013>. Acesso em 03/01/2022.

FERREIRA, Acylene. A constituição ontológico-existencial da corporeidade em Heidegger. *Síntese – Rev. De filosofia*. v. 37, n. 117, p. 107-123, 2010. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/290/542>. Acesso em: 1 mar. 2021.

FERREIRA, Luciana Azevedo Noronha Schnur Gabriel. *Multiplicar práticas psicoeducativas: ofício e sentido para uma equipe de educadores*. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação – Psicologia da Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

FEATHERSTONE, M. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FIGUEIREDO, Luis Cláudio. *Escutar, recordar, dizer: encontros heideggerianos com a clínica psicanalítica*. São Paulo: Educ: Escuta, 1994.

FLORES, Julia. GKay: Se você ouvir os haters, não sairá da mesa de cirurgia plástica. *UNIVERSA UOL*, 27 jun. 2021 Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/06/27/me-deixem-ser-feia-influencer-faz-desabafo-apos-cobranca-de-seguidores.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 20 set. 2021.

FREIRE, Maíra. Do silenciamento ao (re)conhecimento: quando a fala se transborda na escrita. *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 268-277, USP 2020. DOI 10.11606/issn.2316-9133.v29i1p268-277. Disponível em: <file:///C:/Users/DELL/Downloads/170783-Texto%20do%20artigo-417584-4-10-20200708.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2021.

FRIDMAN, Luis Carlos. *Próximos ou separados? Ideias de Giddens e Bauman sobre as motivações para a política*. São Paulo: Lua Nova, 2014.

GALEANO fala sobre Os filhos dos dias, um livro em que de cada dia nasce uma história. *L&PM Editores*, 10 maio 2013. Disponível em: https://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805136&SecaoID=816261&SubsecaoID=0&Template=../artigosnoticias/user_exibir.asp&ID=846191. Acesso em: 14 jan. 2022.

GANDRA, Alana. Pesquisa diz que, de 69 milhões de casas, só 2,8% não têm TV no Brasil. *Agência Brasil*, Rio de Janeiro, 21 fev. 2018 Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-02/uso-de-celular-e-acesso-internet-sao-tendencias-crescentes-no-brasil>. Acesso em: 13 maio. 2021.

GARBIN, Daiana. 9 ago. 2021. Instagram: @garbindaiana. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CSXQdeyBHcx/>. Acesso em: 20 set. 2021.

GIACOIA Jr., Oswaldo. *Heidegger urgente: introdução a um novo pensar*. Campinas: Três Estrelas, 2013

GIBERTI, Gabriela M. *A única certeza da morte é a vida: investigação fenomenológica sobre idosos que se preparam para a morte*. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1990.

GIL, Preta. 31 jan. 2021. Instagram: @pretagil. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKupecjpA-vQ/>. Acesso em: 20 set. 2021.

GIOVANETTI, José Paulo. *Psicoterapia fenomenológico-existencial: fundamentos filosóficos-antropológicos*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.

GLASER, Priscilla Andrea. *Educação infantil na Era da Técnica: des-caminhos para o poder-ser mais autêntico*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação – Psicologia da Educação) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

GOLDENBERG, Mirian. Sobre a invenção do casal. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 1 n. 1, p. 46-53, 2001. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/7693/5707>. Acesso em: 3 nov. 2021.

GOLDENBERG, Mirian. O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira. *Arquivos em Movimento* – Revista eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos – UFRJ, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 116-123, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/9083/7213>. Acesso em: 3 nov. 2021.

GOLDENBERG, Mirian. Afinal, o que quer a mulher brasileira? *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 47-64, 2011.

GOLDENBERG, Mirian. *O corpo como capital: gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015.

GOLDENBERG, Mirian. *Gênero e corpo na cultura brasileira*. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v.17, n.2, p.65-80, 2005. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652005000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 jan. 2022.

GONÇALVES, Vivianne Oliveira; MARTÍNEZ, Juan Parra. 2014. Imagem corporal de adolescentes: um estudo sobre as relações de gênero e influência da mídia. *Comunicação & Informação*, v. 2, n. 17, p. 139-154, 15 dez. 2014. DOI: <https://doi.org/10.5216/31792>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/31792>. Acesso em: 27 dez. 2020.

GRAMMONT, Ligia. Dicionário Inventado. 8 fev. 2021. Instagram: @ligrammont. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CLCjJi6HDbv/>. Acesso em: 12 maio 2021.

HEIDEGGER, Martin. *O fim da filosofia e a tarefa do pensamento*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Ed. Nova Cultural. 1999.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

HEIDEGGER, Martin. *Contribuições à filosofia: do acontecimento apropriador*. Trad. Marco Antônio Casanova, Rio de Janeiro: Via Verita, 1935/2015.

HEIDEGGER, Martin. *Seminários de Zollikon: protocolos, diálogos, cartas* / Martin Heidegger. Editado por Medard Boss. Tradução: Gabriella Arnhold, Maria de Fátima de Almeida Prado. 3. ed.– São Paulo: Escuta, 2017.

HEILBORN, Maria; RODRIGUES, Carla. Gênero: breve história de um conceito. 2018. *Aprender – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*, Vitória da Conquista, ano XII, n. 20, p. 9-21, p. 10-21, jul./dez. 2018. DOI:10.22481/APRENDER.V0I20.4547. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/b1a4/585eaacb40070a2e27faad0e5271d442bab5.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2020.

HILST, Hilda. *Da poesia*. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

HOLZHEY-KUNZ, Alice. *Daseinsanálise: o olhar filosófico-existencial sobre o sofrimento psíquico e seu tratamento*. Tradução: Marco Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2018.

INTERNATIONAL SOCIETY OF AESTHETIC PLASTIC SURGERY. ISAPS. *International Survey on Aesthetic/Cosmetic Procedures*. New Hampshire, 2019 (?). Disponível em: <https://www.isaps.org/wp-content/uploads/2020/12/Global-Survey-2019.pdf>. Acesso em 26 dez. 2020.

KAUR, Rupi. *Outros jeitos de usar a boca*/Rupi Kaur; tradução: Ana Guadalupe. 1. ed. – São Paulo: Planeta, 2017

LEAL, V. C. L. L. et al. O corpo, a cirurgia estética e a Saúde Coletiva: um estudo de caso. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 77-86, 2010.

LEMINSKI, Paulo. *La vie en close*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. Martin Heidegger e a técnica. *Scientiæ studia*, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 369-74, 2007

LIMA, Daniel Santos Corrêa et al. A cirurgia plástica na mídia: o conceito da especialidade veiculado pelos meios de comunicação impressos no Brasil. *Rev. Bras. Cir. Plást.*, ano 15, v. 30, p. 93-100, 2015.

LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles. Beleza para todos. [Entrevista cedida a] Silvia Rogar. *Revista Veja*, São Paulo, p. 5-11, 25 de set. 2002.

LIRA, Ariana Galhardi et al. Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras. *J. bras. psiquiatr.*, Rio de Janeiro, v. 66, n. 3, p. 164-171, set. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000166> Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852017000300164&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 dez. 2020.

LIVRAMENTO, Mariana Nazaré; HOR-MEYLL, Luis Fernando; PESSÔA, Luís Alexandre Grubits de Paula. Valores que motivam mulheres de baixa renda a comprar

produtos de beleza. *RAM Rev. Adm. Mackenzie*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 44-74, fev. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712013000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 jan. 2021.

LONGO, Giullia de Freitas. *O olho da mulher: uma análise junguiana das imagens de mulheres nos poemas de Gioconda Belli*. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

MÃE, Valter Hugo. *O paraíso são os outros*. Ed. Biblioteca Azul, 2018.

MAGALHÃES, Livia (org.). *Lugar de mulher: feminismo e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2017.

MARCELINO, Giovanna Henrique. Fredric Jameson, teórico da pós-modernidade. *PráxisComunal*, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/praxiscomunal/article/view/20008>. Acesso em: 21 fev. 2021.

MARCELJA, Karen Grujicic. *De gordas a plus size: mudanças na representação das mulheres consideradas acima do peso*. 2018. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

MARIN, Isabel Kahn. O não violento. *Estilos da clínica*, São Paulo, v. XI, n. 20, p. 38-57, 2006.

MATOS, Auxiliadôra Aparecida de; LOPES, Maria de Fátima. Corpo e gênero: uma análise da revista TRIP Para Mulher. *Rev. Estud. Fem., Florianópolis*, v. 16, n. 1, p. 61-76, abr. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2008000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 dez. 2020.

MENEZES, Lená Medeiros. Feminismo(s): reflexões sobre silêncios, resistências e descontinuidades. In: MAGALHÃES, Livia (org.). *Lugar de mulher: feminismo e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2017. P 18-41.

MICHELAZZO, José Carlos. Corpo e tempo. *Revista Daseinsanalyse*, Associação Brasileira de Daseinsanalyse, São Paulo, n. 12, p. 6-27, 2003.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 49-55, abril, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822006000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 jan. 2021.

NERUDA, Pablo. *Últimos poemas*. Rio Grande do Sul: Editora LP&M, 2018.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. A passagem interna da modernidade para a pós-modernidade. *Psicologia Ciência e Profissão*, Brasília, v. 24, n. 1, p. 82-93, mar. 2004.

NOVAES, Joana V. *O intolerável peso da feiura: sobre as mulheres e seus corpos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO: Garamond, 2013.

NOVAES, Joana V.; VILHENA, Junia de. De Cinderela a moura torta: sobre a relação mulher, beleza e feiura. *Interações*, São Paulo, v. 8, n. 15, p. 9-36, jun. 2003. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072003000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 7 fev. 2021.

NUNES, Benedito. *Heidegger & Ser e Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

NUNES, Benedito. *Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

NUNES, Benedito. História e Ontologia (da essência da técnica). *Ekstasis: Revista de Hermeneutica e Fenomenologia*.

NUNES, Maria Angélica *et al.* Influência da percepção do peso e do índice de massa corporal nos comportamentos alimentares anormais. *Rev. Bras. Psiquiatr.*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 21-27, mar. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462001000100006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 jan. 2021.

OMBRO. *In: MICHAELIS Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ombro/>. Acesso em: 27 maio 2021.

ONG, Lucas Francis e Silva. *O Uso de Drogas na Consumo da Modernidade*. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *World report on violence and health: summary*. Geneve: Office of Publications, World Health Organization, 2002, p. 44.

PACHECO FILHO, Raul Albino. A psicanálise e as mulheres e os homens de uns “tantos e quantos” anos. 2002. *Revista Kairós*, São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Caderno Temático 2, p. 71-89, ago. 2002.

PACHECO FILHO, Raul Albino. O capitalismo neoliberal e seu sujeito. *Mental*, Barbacena, v. 3, n. 4, p. 155-173, jun. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272005000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 mar. 2021.

PAGAR. *In: MICHAELIS Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/pagar/>. Acesso em: 27 out. 2021.

PESSOA, Fernando. *Poemas de Alberto Caeiro*. Lisboa: Ática, 1946.

POMPÉIA, João Augusto. Corporeidade. *Revista Daseinsanalyse*, Associação Brasileira de Daseinsanalyse, São Paulo, n. 12, p. 28-42, 2003.

POMPÉIA, João Augusto; SAPIENZA, Bilê Tatit. *Na presença do sentido: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas*. 2. ed. São Paulo: EDUC: ABD, 2015.

POSSAMAI, Fábio Valenti. *A técnica e a questão da técnica em Heidegger*. Intuitio, Porto Alegre, v.3, n.1, p. 20-32, jun. 2010.

PRADO, Rafael Auler de Almeida; CALDAS, Marcus Tulio; QUEIROZ, Edilene Freire de. O corpo em uma perspectiva fenomenológico-existencial: aproximações entre Heidegger e Merleau-Ponty. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 32, n. 4, p. 776-791, 2012.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *O olho de vidro do meu avô*. São Paulo: Moderna, 2004.

RAFA Brites diz que engordou 8kg na pandemia: “Não tenho isso resolvido”. *QUEM*, 30 ago. 2021. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2021/08/rafa-brites-diz-que-engordou-8kg-na-pandemia-nao-tenho-isso-resolvido.html>. Acesso em: 20 set. 2021.

RAMOS, Kátia Peres. *Escala de avaliação do transtorno dismórfico corporal: propriedades psicométricas*. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/bitstream/tede/415/1/Katia%20Perez%20Ramos.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2020.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2019.

ROSA, GUIMARÃES. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, Nelson da Silva; DUNKER, Christian (orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SALZANO, Fábio Tapia; CORDAS, Táki Athanássios. Transtornos da alimentação. In: ABREU, C.; SALZANO, F. T.; VASQUES, F. et al. *Síndromes psiquiátricas*. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 111-117.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. *História da beleza no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014.

SAPIENZA, Bilê. *Do desabrigo à confiança: daseinsanalyse e terapia*. São Paulo: Escuta, 2007.

SCAGLIUSI, Fernanda Baesa; LOURENÇO, Bárbara Hatzlhoffer. A ditadura da beleza e suas consequências no discurso nutricional. In: Alvarenga, M.; Scagliusi, F.; Philippi, S. *Nutrição e transtornos alimentares*. São Paulo: Editora Manole Ltda., 2011, p. 59-83.

SOARES, Idayane Gonçalves. Da aventura empreendedora à depressão nervosa: revisitando a obra. *Rev. Abordagens*, Paraíba, v. 2 n. 1, p. 105-112, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rappgs/article/view/53712>. Acesso em: 23 mar. 2021.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIRURGIA PLÁSTICA. *Censo 2018 – Situação da Cirurgia Plástica no Brasil*. São Paulo, 2019. Disponível em: <http://www2.cirurgiaplastica.org.br/pesquisas/>. Acesso em 18/01/2022.

SODELLI, Marcelo. *Aproximando sentidos: formação de professores, Educação, Drogas e Ações Redutoras de Vulnerabilidade*. 2010. Tese (Doutorado em Educação – Psicologia

da Educação) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

SODELLI, Marcelo. *Uso de drogas e prevenção: da desconstrução da postura proibicionista às ações redutoras de vulnerabilidade*. Rio de Janeiro: Ed. Via Verita, 2016.

SODELLI, Marcelo; TEODORO, Alessandra. Visitando os “Seminários de Zollikon”: novos fundamentos para a psicoterapia fenomenológica. *Psic. Rev. São Paulo*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 245-272, 2011.

SZYMBORSKA, Wislawa. *Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

TANCETTI, Barbara. *Uma câmera toda delas – a mulher nos filmes de Petra Costa: um estudo junguiano*. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

TIBURI, Marcia; MENEZES, Magali M. de; EGGERT, Edla. *Toda a beleza é difícil: esboço de crítica sobre as relações entre metafísica, estética e mulheres na filosofia*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002. Disponível em: https://www.antroposmoderno.com/antro-versao-imprimir.php?id_articulo=709. Acesso em: 15 dez. 2020.

TOLEDO, Eliane de. *A legitimação da ginástica de academia na modernidade: um estudo da década de 1980*. 2010. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

TRUQUE. In: MICHAELIS Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/7m8pB/truque-2/>. Acesso em: 27 maio 2021.

VIGARELLO, Georges. *História da beleza*. São Paulo: Ediouro, 2006.

VILHENA, Junia de; MEDEIROS, Sergio; NOVAES, Joana de Vilhena. A violência da imagem: estética, feminino e contemporaneidade. *Rev. Mal-Estar Subj.*, Fortaleza, v. 5, n. 1, p. 109-144, mar. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482005000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 dez. 2020.

WALLERSTEIN, Immanuel. *Capitalismo histórico e civilização capitalista*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

WE ARE SOCIAL & HOOTSUITE. Digital 2020. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2020-brazil>. Acesso em: 18 jan. 2022.

WEGMANN, Alice. 4 dez. 2017. Instagram: @alicewegmann. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BcS-hjpA9y-/>. Acesso em: 20 set. 2021.

WINNICOTT, D. W. *Playing and reality*. London: Tavistock, 1971.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres*. 14. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

YAMAGUTI, Alexandre Collarile. *Reflexões hermenêutico-fenomenológicas sobre a condição paterna*. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

YOKOMIZO, Patricia; LOPES, Andrea. Aspectos socioculturais da construção da aparência no envelhecimento feminino: uma revisão narrativa. *Revista Kairos-Gerontologia*, São Paulo, 22, n. especial 26, p. 285-317, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.23925/2176-901X.2019v22i>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2176-901X.2019v22iEspecial26p285-317/30607>. Acesso em: 6 fev. 2021.